

Ana Márcia Silva e Iara Regina Damiani

Organizadoras



Práticas Corporais

Volume 1

Gênese de um Movimento Investigativo
em Educação Física



Práticas Corporais

Gênese de um movimento investigativo em Educação Física

Copyright @ dos autores, 2005.

Edição e revisão
DENNIS RADÜNZ

Projeto gráfico
VANESSA SCHULTZ

Ilustrações
FERNANDO LINDOTE

Fotografia (registro das ações)
e revisão final dos textos
OS AUTORES

Impressão
FLORIPRINT

NAUEMBLU CIÊNCIA & ARTE
www.nauembla.com.br
(48) 333-1976 / 232-9701

Florianópolis/SC/Brasil

Ana Márcia Silva
Iara Regina Damiani
Organizadoras

Práticas Corporais

Gênese de um movimento investigativo em Educação Física

NAUEMBLU CIÊNCIA & ARTE
2005

ISBN 8587648756

P912 Práticas corporais / Ana Márcia Silva, Iara Regina Damiani, organizadoras. – Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005.
3v. : il. 100p.

Inclui bibliografia

Conteúdo: v.1. Gênese de um movimento investigativo em Educação Física. – v.2. Trilhando e compar(trilhando) as ações em Educação Física. – v.3. Experiências em Educação Física para outra formação humana.

1. Práticas corporais. 2. Educação Física – Finalidades e objetivos. 3. Corpo. 4. Imagem corporal. 5. Qualidade de vida.
I. Silva, Ana Márcia. II. Damiani, Iara Regina.

CDU:796

O grupo de trabalho agradece aos/às colegas do Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física – NEPEF, da Universidade Federal de Santa Catarina, geradores de muitos saberes, e ao Ministério do Esporte e à Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer pelo apoio financeiro integral da pesquisa.



As práticas corporais e seu processo de re-significação	11
LINO CASTELLANI FILHO	
As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social	17
ANA MÁRCIA SILVA	
IARA REGINA DAMIANI	
As práticas corporais e seu processo de re-significação: apresentando os Subprojetos de Pesquisa	29
Práticas corporais: invenção de pedagogias?	43
CARMEN LÚCIA SOARES	
Do culto da performance à cultura da cortesia	65
DENISE BERNUZZI DE SANT'ANNA	
Capoeira e projeto histórico	75
CELI NELZA ZULKE TAFFAREL	



As práticas corporais e seu processo de re-significação

Foi com satisfação que recebi o convite para prefaciar o livro ora levado ao desfrute dos leitores: “Práticas Corporais: gênese de um movimento investigativo em Educação Física”. Primeiro porque ele me oferecia a oportunidade de dar seqüência a uma interlocução com a comunidade acadêmica da área Educação Física, da qual faço parte há mais de trinta anos (!) e com quem dialogo tanto na condição de professor universitário que sou – há quase vinte anos compondo orgulhosamente o corpo docente da Faculdade de Educação Física da Unicamp, e, depois de outros tantos, não sem menos orgulho, fazendo parte do da Universidade Federal do Maranhão – como também na qualidade de membro, e, por duas gestões, presidente, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, sociedade científica que ao longo de 27 anos de existência construiu seu lugar no meio acadêmico, notadamente dentre aquele segmento imbuído de uma vontade investigativa pautada no inconformismo com a forma através da qual as ditas Ciências do Esporte se manifestavam heemonicamente.

Em segundo lugar porque este livro é resultado de um projeto desenvolvido por conta de convênio consignado entre a Universidade Federal de Santa Catarina e o Ministério do Esporte, no qual desde janeiro de 2003 vimos assumindo a responsabilidade – na condição de Secretário – pelas ações da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, uma das três Secretarias finalísticas componentes da estrutura ministerial.

Com efeito, situa-se dentro do Plano Plurianual 2004-2007 do Governo Federal, o Programa Orçamentário “Esporte e Lazer Da Cidade”, que, em síntese, *visa suprir a carência de políticas públicas e sociais que atendam às crescentes necessidades e demandas da população por esporte recreativo e lazer, sobretudo daquelas em situações de vulnerabilidade social e econômica, reforçadoras das condições de injustiça e exclusão social a que estão submetidas*, como se depreende da apresentação de seu “Manual de Orientação”.

É em seu universo que vamos nos deparar com 14 ações inter-relacionadas e agrupadas em dois conjuntos, o primeiro deles voltado para a implementação do projeto social que traz o mesmo nome do Programa – direcionado para a consolidação do esporte e lazer como direitos sociais e, portanto, como política pública de governo que viabilize e garanta o acesso da população brasileira, em todos os seus segmentos (criança, adolescente, jovem, adulto, idoso, bem como pessoas com deficiência e com necessidades educacionais especiais), a ações contínuas de esporte e lazer que respondam às necessidades localizadas nesse campo da vida social – e o segundo apontado para o *Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Esporte e do Lazer*, a nosso ver fundamental para a definição de um modelo de gestão pública participativa e democrática defendido pelo Governo.

Com efeito, um olhar sobre a história das políticas públicas brasileiras voltadas para o Esporte e para o Lazer nos revela o predomínio de uma concepção de gestão de natureza predominantemente empírica, dando expressão sincrética ao conhecimento da dimensão da realidade sobre a qual a política estaria incidindo, fazendo com que aquilo que deveria se colocar como *ponto de partida* no processo de conhecimento da realidade complexa se configurasse, de fato, também e ao mesmo tempo, como *ponto de chegada*.

Mais recentemente, com o próprio desenvolver da área acadêmica Educação Física – maior responsável pelos estudos e pesquisas sobre o fenômeno esportivo e do lazer – e pela paralela organização da comunidade de estudiosos e pesquisadores dessas práticas sociais em entidades científicas, procedeu-se um movimento re-orientador da lógica de gestão até então prevaiente.

Esse movimento foi motivado, ainda, pela sintonia com a necessidade, cada vez mais sentida e reconhecida, dos partidos políticos com aspiração de ascensão a instâncias de governo, por um lado, e da necessidade concreta de

administrarem a máquina pública notadamente nas esferas municipais e estaduais, de outro, de se colocarem em campo na formulação de pressupostos orientadores de políticas públicas para o setor, a par do que já acontecia em outras áreas sensíveis à lógica da gestão pública.

Tal quadro fez por suscitar uma fundamental mudança na maneira de se apreender a realidade sobre a qual se daria a intervenção, passando-se a compreendê-la de forma não mais embasada no senso comum e sim no senso crítico, não mais expressando uma visão *sincrética* de mundo e sim de *síntese*. Para que tal alteração na apropriação da realidade ocorresse, foi de extrema relevância o assimilar da compreensão de se ter o conhecimento científico e tecnológico como eixo estruturante da ação de gestão pública em esporte e lazer.

É, portanto, o conhecimento elaborado e sistematizado a partir de matizes filosófico-científicas, a nosso ver, o *plano de fundo* sobre o qual devem se assentar os Programas deste Governo afetos ao Ministério do Esporte, expressões da materialização da compreensão de política esportiva e de lazer desde 2003 em processo de implementação.

Resumindo, temos no conhecimento acumulado historicamente pela humanidade, o potencial do processo de qualificação das iniciativas de Governo, na configuração, por parte dele, das políticas públicas. O fomento à produção e à difusão do conhecimento científico e tecnológico voltado para a gestão de políticas de esporte e lazer ganha significado na exata medida em que vislumbra em seu horizonte a formação continuada dos gestores e dos agentes sociais de esporte e lazer que, em última instância, são os responsáveis pela chegada à população dos serviços públicos na área.

Buscando a interlocução com grupos de pesquisa instalados – consolidados e/ou em consolidação –, vinculados a instituições de ensino superior e/ou institutos de pesquisa e sociedades científicas, e com estudos balizados por referenciais teóricos originários das ciências humanas e sociais (Rede CEDES – Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer) e das ciências biológicas (Rede CENESP – Centros de Excelência de Esporte de Rendimento) estabelece-se nesta esfera de governo a formatação de REDES constitutivas de pólos facilitadores do diálogo entre os segmentos envolvidos no processo de produção do conhecimento e, destes, com aqueles que se valerão do conhecimento produzido, na ação de gestão, tendo ela mesma,

também como pólo produtor e irradiador de conhecimento.

Tais estudos e pesquisas estão orientados a partirem de uma compreensão – construída e compartilhada pelos segmentos mencionados – de *desenvolvimento e excelência esportiva* fundados na qualidade de metodologias de educação esportiva, educação lúdica, teoria e prática do treinamento esportivo, avaliação de políticas públicas de esporte e lazer, protocolos de monitoramento da execução dos projetos, capacitação de gestores em gestão esportiva e lazer, ente outras possibilidades afins. No sentido da difusão da produção do conhecimento afeto ao campo das políticas de esporte e lazer, o ME vem exercendo o papel de articular os setores comprometidos com *informação e documentação esportiva*, de modo a fazê-los interagir de forma a não sobrepor esforços e recursos, dando vazão a um encadeamento de iniciativas que preservem, ao mesmo tempo, a especificidade da ação de cada um dos entes envolvidos com a sua necessária intercomunicação.

O envolvimento, pelo ME, dos Centros de Informação e Documentação Esportiva estabelece, ainda, as linhas de ação para a composição de um sistema formado pelos centros existentes e pelos a serem criados, de modo a garantir um padrão de comunicação rápido, seguro e de qualidade aos pesquisadores, gestores e demais usuários. Este *sistema de informação e documentação esportiva*, através do CEDIME (Centro de Documentação e Informação do Ministério do Esporte), na evolução de suas atividades, além de democratizar o acesso à informação e documentação alusivas ao esporte e ao lazer, constrói as diretrizes para uma política federal – e, quiçá, nacional – de informação e documentação em Ciências do Esporte.

Também neste quadro se situam nossos esforços de realização de um “Diagnóstico Situacional do Esporte Brasileiro”, ora em desenvolvimento através de parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, e com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP, com o propósito, nesta fase, de obtermos elementos de informação, fidedignos e representativos, da real estrutura esportiva e da prática das diferentes manifestações esportivas, através de pesquisa realizada junto aos municípios do país.

Pois nada melhor para demonstrar a lógica de fusão dos dois conjuntos de ações formadores do “Programa Esporte e Lazer da Cidade” e a objeti-

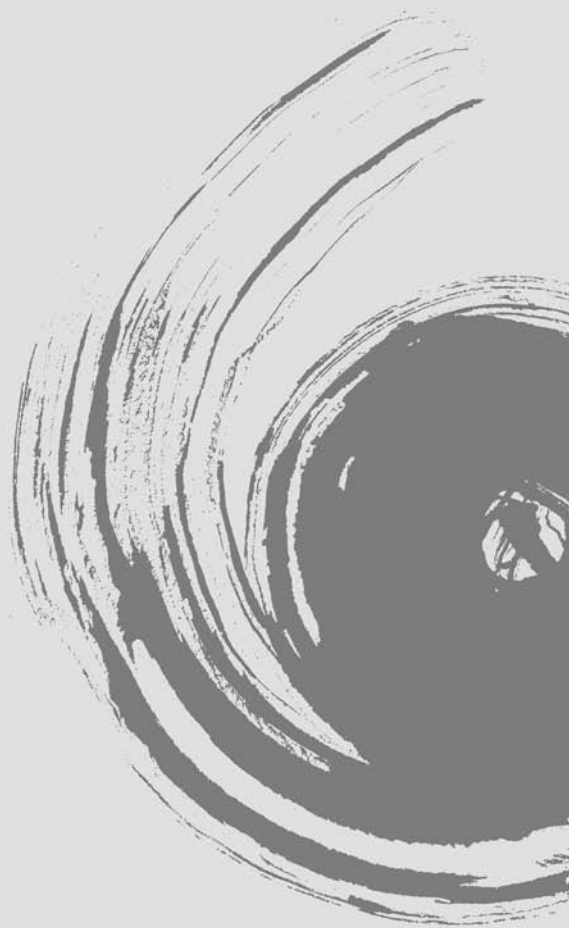
vação dos elementos constitutivos de sua síntese, do que o Livro que ora nos é apresentado. Reflete ele, sem sombra de dúvida, experiências repletas de sentidos e significados explicitadores da ruptura e superação da relação paradigmática da Educação Física com a aptidão física, e a configuração de um constructo paradigmático de natureza histórico-social – revelado emblematicamente na forma como re-significam as práticas corporais e o lazer na relação com a saúde, processo no qual também ela é re-significada. Basta ver como as práticas corporais são tratadas, em inequívoca relação com o contexto social no qual se encontram inseridas, tratamento esse revelador de um entendimento de cultura não idealizada, não abstrata e sim como produto concreto da forma como homens e mulheres constroem suas vidas.

Nele, enfim, Esporte e Lazer são tidos como *práticas sociais*, traduzidos como atividades humanas construídas historicamente com a intenção de dar respostas às necessidades sociais, identificadas pelos que fazem a história do seu tempo a partir das múltiplas determinações das condições objetivas nele presente.

Que tenha vida longa é o meu desejo!

Brasília, julho de 2005.

LINO CASTELLANI FILHO



As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social

ANA MÁRCIA SILVA
IARA REGINA DAMIANI

Podia até acontecer então que num ponto essa vontade
e consciência de si, tão diluída, se condensasse,
formasse um coágulo, como a imperceptível
partícula de água se condensa em flocos de nuvem.

Ítalo Calvino

O novo milênio, finalmente, adveio, pondo fim a um denso e surpreendente século XX. Aquele foi um século rico de possibilidades e extremamente doloroso, como poucos períodos anteriores, e criou desdobramentos que apenas estamos começando a perceber. Participamos de um momento que nos coloca uma infinidade de questões e algumas possibilidades, desafiando-nos como sujeitos históricos neste tempo histórico, com especial tensão para aqueles que atuam com seres humanos, em áreas como a educação e a saúde. Essas questões e potencialidades podem ser melhor compreendidas ao considerarmos que há contradições inerentes a esta sociedade e que se mostram, inclusive, como ambigüidades no trato com a corporeidade, resultantes de um século que (re)descobriu, manipulou e mitificou o corpo.

No que diz respeito à especificidade com a qual trabalhamos no campo da Educação Física e Ciências do Esporte, podemos identificar, no conjunto destas questões desafiadoras, a forte presença do corpo e uma ampliação desmedida do interesse pelas práticas corporais na atualidade. Esta ampliação nos aponta para um reconhecimento e uma certa reabilitação do corpo, uma positividade de difícil conquista na história, mas, também, um reconhecimento dos limites postos por uma certa subserviência e conseqüente vitimização do corpo nesta civilização. Cientes desse interesse em ascensão e de suas ambigüidades, reconhecemos, antes do mais, uma enorme ampliação do mercado das práticas corporais e, tal como outros fenômenos culturais submetidos ao processo de mercadorização, novas determinações tornaram-se fundamentais em sua caracterização. Em uma sociedade de ordem econômico-social capitalista, ou uma sociedade de mercado, como costuma ser denominada, este processo precisa ser compreendido e considerado em todas as suas determinações sobre o âmbito da cultura e de suas manifestações.

Este reconhecimento faz parte do *locus* a partir do qual estruturamos os princípios teórico-metodológicos norteadores deste Projeto Integrado de Pesquisa; *locus* no qual nos colocamos para esta investigação-ação com pressupostos que nos indicavam as possibilidades de organização de uma práxis renovadora no âmbito das práticas corporais, especialmente daquelas desenvolvidas como forma de lazer. Renovadora dado que compreendemos que este campo da vida é caracterizado pelo tempo disponível para o lazer. Poderíamos dizer que é um tempo livre, se considerarmos o conjunto de condições objetivas e subjetivas que envolvem o lazer, como nos alerta Fernando Mascarenhas (2003), nos lembrando de um ideal possível, talvez, em outra lógica social.

A compreensão que temos do contexto contemporâneo indica-nos a necessidade de um olhar crítico sobre o grande impacto da mídia nas possibilidades de um tempo disponível para o lazer. Identificamos, também, a necessidade de uma análise mais ampliada da repercussão midiática sobre a subjetividade, sobre as reivindicações da população e sobre a lógica de intervenção dos órgãos governamentais e, inclusive, sobre os profissionais que organizam as intervenções com as práticas corporais. Esta análise preliminar nos mostra a tendência a uma reprodução acrítica dos objetivos e da lógica dos meios de comunicação de massa no serviço prestado à sociedade no âmbito do lazer.

Um dos elementos gerados pela indústria cultural neste contexto cons-

titui-se de práticas corporais utilizadas para seguir os modelos e estereótipos de beleza. Tais modelos têm sido colocados e grandemente explorados pela mídia, como um culto ao corpo que gera “necessidades” para o tempo de lazer, no qual o “exercitar-se” constitui-se como um dever ser, uma obrigação, num processo que o descaracteriza de sua condição de gratuidade.

De outra perspectiva, as políticas públicas voltadas ao desenvolvimento do esporte e lazer¹ não podem desconhecer estas diferentes caracterizações e usos das práticas corporais porque, em grande medida, vêm funcionando sob a mesma lógica daquelas oferecidas como serviços na esfera do mercado. Grande parcela das iniciativas no âmbito das políticas sociais para o uso do tempo livre, mesmo aquelas públicas e não privatistas, se filiam a uma concepção funcionalista, fundada no adestramento e na repetição dos movimentos, promovendo a disseminação de uma certa lógica instrumental no trato com o corpo.

Estes elementos não vêm sendo considerados suficientemente nas pesquisas e indicações teórico-metodológicas desenvolvidas pelo campo acadêmico, especialmente tomando o campo da Educação Física e das Ciências do Esporte como central nesta análise. A produção acadêmica e as intervenções sociais decorrentes pouco consideram o imbricamento e as determinações profundas sobre as práticas corporais em sociedades com esta lógica, bem como o papel que vem sendo desenvolvido pelas políticas públicas e sociais nesta questão.

Os programas sociais e as políticas públicas voltadas à promoção da saúde que têm o exercício físico ou as práticas corporais como eixo, de modo geral, têm sido estruturados tendo as questões anátomo-fisiológicas como referências centrais. Por vezes, inclusive, esse tipo de questão tem sido colocada como exclusiva para a organização metodológica e avaliação dos trabalhos desenvolvidos. Esta perspectiva, além de indicar uma inadequada concepção ontológica, tem se mostrado insuficiente para atingir os objetivos aos quais se propõe.

Parte desses problemas ocorre em função da subordinação dos conhecimentos produzidos pelos pesquisadores a um certo modelo biomédico que se

¹ A ampliação da demanda social pelas práticas corporais, pelo esporte, pelo lazer pode ser observada, também, neste campo das políticas públicas. É significativo o aumento do número de secretários e gestores estaduais e municipais de esporte e lazer no Brasil, assim como de seus fóruns e organismos de articulação em diferentes níveis de abrangência.

mostrou reducionista no trato com o corpo e com as práticas corporais; uma certa coisificação ou instrumentalização do corpo para atingir outros fins, alterando a condição de sujeito para a de objeto no processo de educação e saúde. Em nossa compreensão, parece haver um novo higienismo em sistematização nestes programas. Um novo higienismo que estaria funcionando, muito mais, ao nível da informação do que na alteração efetiva da forma ou estilo de vida, como identificou Alex Branco Fraga (2005). As informações passam a ser maciçamente difundidas, constituindo uma certa subjetividade que, paradoxalmente, está cada vez mais suscetível ao crescente processo de doença e de medicalização social.

Na contemporaneidade, vemos a Educação Física e as Ciências do Esporte, apontando procedimentos e resultados generalizantes, muitos deles servindo de modelo, de critérios para que as práticas corporais, especialmente as esportivas, sejam legitimadas por equipes, times, grupos, entre outros. Desta forma, a linguagem corporal passa a ser compreendida apenas no seu “saber fazer”, reduzindo-a à condição de mero “objeto”. Esta compreensão da linguagem corporal é estruturada a partir de um cientificismo e não problematizada nas inter-relações que estabelece com os aspectos culturais e naturais, com as subjetividades em questão. As práticas corporais organizadas a partir destes critérios e procedimentos, resultando num tipo específico e limitado de formação humana.

A produção científica predominante neste campo de conhecimento trabalha a partir de uma concepção de corpo e de movimento constituída por representações provenientes dos estudos biológicos e de sua linguagem específica, a matemática. Esta formulação de base quantitativa permite sua generalização, indicando que há uma concepção ontológica abstrata de fundo, pela desconsideração subjetiva e cultural e por sua condição a-histórica.

A generalização dos dados estatísticos e medidas padronizadas têm sido processada e incorporada pelos profissionais em diferentes locais e contextos, indicando uma tendência à mundialização que se sobrepõe às diversidades culturais, sob os auspícios da ciência. Neste sentido, a ciência, tal como o fetichismo da mercadoria, parece estar se instaurando como um novo mito neste contexto contemporâneo.

A inadequação e insuficiência identificadas nos parecem estar vinculadas a uma desconsideração pelas questões subjetivas e culturais constitui-

doras destas práticas sociais, da importância do acesso ao conhecimento e da interação social ali encontrada e, por isso, não incorporando as contribuições provenientes de outras áreas. Em nossa compreensão, as práticas corporais devem ser tratadas pelas ciências humanas e sociais, pela arte, pela filosofia e pelos saberes populares, sem desprezar as ciências biológicas, dado que esta dimensão é constituinte fundamental do humano, tomando-se seus indicadores como parte do processo ativo de auto-organização subjacente à vida. Esta perspectiva deficiente, aliada a um contexto social adverso, faz com que os programas sociais e políticas públicas voltados à promoção da saúde, e também ao lazer, não consigam atrair e manter, constituir e ampliar a adesão dos grupos sociais que mais necessitam, assim como a todos que têm nas práticas corporais um direito social a ser conquistado.

Questões relacionadas com este problema apontado podem ser, ainda, resquícios das dificuldades da Educação Física e das Ciências do Esporte em constituir-se e consolidar sua autonomia. Historicamente, vêm aliando-se aos vários interesses militarizantes, esportivistas, medicalizantes, dentre outros. Estas opções foram atrelando as práticas corporais e a intervenção de seus professores a interesses externos aos seus praticantes, numa organização a partir de “objetivos heterônomos”, como nos diz Valter Bracht (1992), não trazendo contribuições efetivas à sociedade.

Outro importante fator a destacar neste contexto atual em que nos propomos a pesquisar é o crescente processo de esportivização das práticas corporais, especialmente naquelas mais tradicionais provenientes da cultura popular, como a capoeira, observando-se o mesmo também na dança e nas artes marciais. Em nossa compreensão, a esportivização é uma contra-face, neste âmbito da cultura, do processo de espetacularização que ocorre em outras manifestações culturais e que, em grande medida, está vinculada à transformação destas manifestações para a forma mercadoria, como há muito vem sendo identificado por Alfredo Bosi (1987).

O crescente processo de esportivização traz, para esses fenômenos culturais, uma série de elementos que são constituintes dos esportes convencionais, especialmente sua natureza vinculada à competitividade, ao rendimento e à performance. Além disso, o processo de esportivização das práticas corporais tende a constituir uma padronização e uma instrumentalização do movimento corporal que as faz perder seu teor original de enraizamento,

como Ecléa Bosi (1987) alerta, e alterar sua constituição como patrimônio cultural da humanidade.

Em meio a estas questões, encontram-se os sujeitos que lutam por sua cidadania frente às numerosas formas de expressão e práticas corporais que nos constituem, sem terem uma orientação mais adequada. Mais do que isso, se faz necessário compreender as formas de lazer como parte de um direito social inalienável, tarefa de esclarecimento que seria decorrente de prática pedagógica voltada ao interesse social concreto, assim como de uma política pública conseqüente para o desenvolvimento do esporte e lazer em nosso país.

Em nossa avaliação, a forma como vêm sendo desenvolvidos os programas neste âmbito do tempo livre não auxiliam no cuidado de si, no bem-estar, na auto-estima, sociabilidade e ludicidade, elementos fundamentais da experiência humana possibilitados pelas práticas corporais e que devem estar voltados aos interesses de emancipação social. Com esta compreensão e tendo estas preocupações no horizonte, nossa principal intenção foi re-significar algumas destas práticas corporais ofertadas freqüentemente, tanto no âmbito público como na esfera do mercado, em objeto de estudo e investigação, concomitantemente, a sua construção como campo de experiência e intervenção social. Objetivamos, com os resultados da pesquisa, contribuir para problematizar algumas práticas corporais e suas expressões, em diferentes ambientes e grupos sociais, indicando outras possibilidades no âmbito da produção do conhecimento.

Compreendemos que o referencial teórico de várias áreas de conhecimento se faz necessário, apontando para uma perspectiva interdisciplinar de trabalho. Podemos convocar diferentes matrizes disciplinares a falar sobre as práticas corporais, inclusive por conta de uma “multivocalidade” que caracteriza o corpo, como nos lembra Alexandre Fernandez Vaz (2003, p.168). Esta multivocalidade coloca o corpo e as práticas corporais como objeto de reflexão de várias ciências, além daquelas da saúde, e também, como tema privilegiado da arte, da filosofia e da cultura popular.

Outra questão que gostaríamos de ressaltar é a de que a universalização, o acesso às práticas corporais, deve organizar-se a partir do princípio da gratuidade, tanto para sua oferta como para seu usufruto. Para que haja esta garantia de acesso, se faz necessária a existência de políticas públicas neste setor por direito constitucional já conquistado, especialmente abrigado no

reconhecimento à forma esporte. Para além do direito legal, as práticas corporais representam uma possibilidade fundamental para a educação, o lazer e para a manutenção da saúde. Mais do que isso, possibilitam o desenvolvimento da condição de humanidade, dado que o gênero humano, mais do que a espécie humana, permanece constituindo-se a partir de um conjunto de experiências que se constroem no corpo, a partir do corpo e por meio do corpo.

Ao referirmo-nos ao corpo e às práticas corporais, compreendemos que as questões que se colocam são de diferentes ordens, correspondendo, em grande parte, às suas diferentes expectativas, imagens e técnicas, formas de expressão e sensibilidade no mundo contemporâneo. Estas questões nos acompanharam no trabalho de campo, tanto em sua dimensão de pesquisa como de intervenção social, porque, para nós, o corpo é uma construção também cultural e suas manifestações se inscrevem, fortemente, no campo da cultura.

Trabalhamos com o termo *cultura* a partir de Raymond Williams (2000, p.13, grifo do autor), que propõe sua compreensão a partir de uma nova forma de convergência entre as duas concepções clássicas identificadas como idealista e materialista. A convergência compreenderia, assim, a cultura “como *modo de vida global* distinto, dentro do qual se percebe, hoje, um *sistema de significações* [...] essencialmente envolvido em *todas* as formas de atividade social”. Além disso, deve ser entendido em seu “sentido mais especializado, ainda que comum, de cultura como *atividades artísticas e intelectuais*”. Estas atividades artísticas e intelectuais abrangeriam, segundo o autor, não só as artes e a produção intelectual tradicional, mas todas as “práticas significativas”, incluindo o domínio da linguagem.

Com a ajuda da compreensão deste autor, reforça-se a tese já difundida de que o conteúdo de trabalho da Educação Física, também na esfera do lazer, é constituído por fenômenos ou manifestações culturais como as danças, os jogos, as acrobacias, os esportes, as artes marciais, as diferentes formas ginásticas e de exercitação corporal. Constitui-se, assim, de toda uma gama de práticas corporais que têm sido abarcadas, ao menos provisoriamente, sob as denominações de cultura corporal ou cultura de movimento.

Importante esclarecer que optamos pela expressão *prática corporal* por identificá-la como a mais adequada para o que desejamos nesta pesquisa e na intervenção social decorrente da Educação Física. Para isso, o termo *prática* deve ser compreendido em sua acepção de “levar a efeito” ou “exprimir” uma

dada intenção ou sentido e fazê-lo, neste caso, por meio do corpo, como indica e permite plenamente a língua portuguesa. Esta expressão mostra adequadamente o sentido de construção cultural e linguagem presentes nas diferentes formas de expressão corporal. Esse sentido de construção cultural e linguagem está ausente na expressão *atividade física*, que tanto etimológica como conceitualmente mostra-se reducionista em sua perspectiva, como discutido anteriormente (SILVA, 2001).

A compreensão do enraizamento cultural das práticas corporais colocou-se, assim, como um dos pressupostos do trabalho desenvolvido, tanto na prática pedagógica para sua re-significação, como na consideração de suas características co-educativas, nas quais as atividades são comuns aos gêneros, sem uma grande diferenciação de idades que as tornem excludentes.

Nossa idéia de trabalhar por meio da experiência era, em princípio, nos contrapormos à verdade da técnica que prevalece e que vem constituindo um trabalho fragmentado, caracterizado pelo isolamento. O compartilhamento que caracteriza a experiência pode auxiliar também nisto, dado que restabelece vínculos entre os acontecimentos e pessoas. A experiência é um fato da tradição que caracteriza a vida, tanto individual quanto coletiva, e que reconstitui a capacidade da memória. Neste sentido, possibilita que pessoas diferentes, de diferentes gêneros, idades e condições possam partilhar de momentos e não estar isolados pela lógica da técnica que tem sido determinante. É nessa condição que percebemos, também, que as práticas corporais são significativas, portadoras de um sentido para aqueles que delas participam, permitindo contrapor-se à perda do enraizamento cultural e das referências grupais que vêm caracterizando as sociabilidades contemporâneas.

Compreendemos, também, que as práticas corporais, como fruto do processo de diferentes construções coletivas e como potencialidade individual, devem permitir vivências e experiências o mais densas e significativas possível. Devem ser intensas no tempo-espaço em que acontecem, nos constituindo como sujeitos por permitirem, também, o reconhecimento do semelhante e do diferente, a construção do sentimento de alteridade que tanto nos é necessário. A questão que se coloca, portanto, não é a indução por um estilo de vida, de modo algo pessoal, mas a invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência caracterizado pela dignidade.

No centro deste Projeto Integrado de Pesquisa e a partir destes elemen-

tos expressos acima, estava, então, a intenção de investigar os limites e possibilidades de re-significação de diferentes práticas corporais na contemporaneidade. Explorarmos, assim, suas múltiplas expressões e experiências nas relações com o ambiente, cultural e natural, e buscando contribuir para a construção da cidadania coletiva e da emancipação humana.

Na articulação interna da pesquisa e do grupo de pesquisa, trabalhamos na perspectiva da construção do conhecimento e da qualificação da intervenção social avançando por meio da reflexão crítica e interação. Nesta direção e reconhecendo os riscos desta diáspora teórica, buscamos elaborar elementos e linguagens que favorecessem a articulação consistente entre os diferentes aportes teórico-metodológicos que permeavam o grupo, transitando entre o Marxismo, a Fenomenologia e a Teoria Crítica, num diálogo que se mostrou profícuo e desafiador, como deve ser a produção do conhecimento no âmbito da academia. Este processo de articulação interna contou, também, com a valiosa contribuição de renomados pesquisadores² nas questões afins, com a realização de seminários internos para o grupo de pesquisa.

Nossa intenção é a de contribuir com princípios norteadores de uma práxis renovadora neste campo da vida, encaminhando na superação da concepção funcionalista de trato com o corpo e da lógica instrumental que prevalece nas práticas corporais contemporâneas. Buscamos, assim, a partir de um processo intencional de reconstrução coletiva do conhecimento, estruturar possibilidades pedagógicas que evitassem a lógica da reprodução de modelos e padrões bastante difundidos pelas chamadas metodologias de treinamento esportivo.

Para isso, este projeto procurou construir subsídios teórico-metodológicos acerca das práticas corporais no contexto contemporâneo em sete Subprojetos, com temas e eixos difundidos, especialmente, como atividades de lazer. Capoeira e dança, karatê-do e hip hop, práticas corporais diversas para a maturidade e para os adultos portadores de afecções cardíacas, além das aventuras na natureza, constituem o universo de práticas corporais desenvolvidas nos Subprojetos e que, ao serem articulados em uma única pesquisa,

² Contamos com a participação dos professores doutores Denise Bernuzzi Sant'Anna, Vicente Molina Neto e Celi Nelza Zulke Taffarel, além da colaboração da Profa. Dra. Carmen Lúcia Soares na estruturação do Projeto Integrado de Pesquisa; pesquisadores estes que atenderam generosa e gratuitamente ao nosso convite e que encaminharam textos para compor esta coletânea.

nos deram uma possibilidade maior de coerência interna e sistematicidade.

Este Projeto Integrado contou com atividades do grupo de vinte e cinco pesquisadores, ao longo de mais de um ano de trabalho³, em sessões de estudo e planejamento mensal. Além disso, ocorreram várias atividades semanais específicas de cada Subprojeto, com tarefas de estruturação dos instrumentos de pesquisa e dos fundamentos teórico-metodológicos, até as reuniões de planejamento para intervenção, além do trabalho pedagógico desenvolvido com grupos de diferentes comunidades.

A área geográfica de abrangência deste projeto teve como foco central à região da Grande Florianópolis. Na mesma direção da abrangência, os grupos atingidos no Projeto Integrado incluem desde a infância, passando pela juventude, além dos adultos e dos idosos, em diferentes contextos e condições sociais, envolvendo mais de duas centenas de pessoas diretamente no trabalho experimental de pesquisa. Em todos os Subprojetos foram envolvidos sujeitos de ambos os gêneros, por considerarmos que o trabalho em conjunto com homens e mulheres é condição normal presente nas práticas culturais, premissa essencial do trabalho de pesquisa, além da adesão espontânea, voluntária e gratuita destes sujeitos.

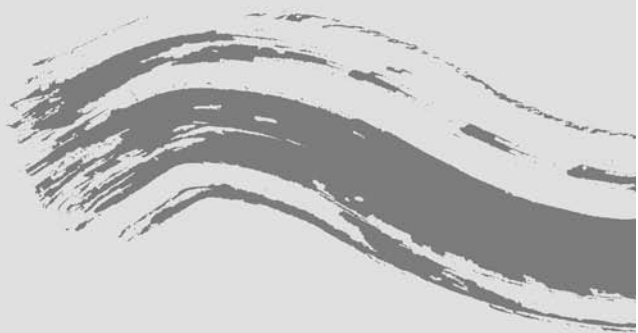
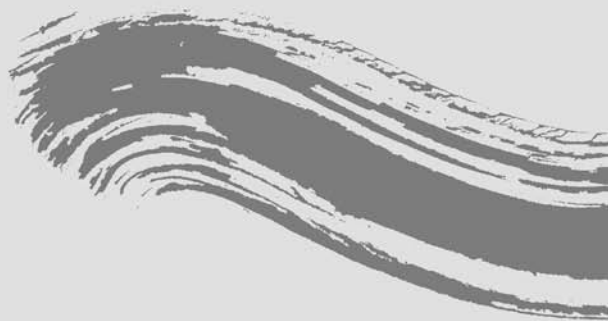
Nossa avaliação é de que este Projeto Integrado, também, incrementou o processo da formação de pesquisadores em diferentes níveis da carreira acadêmica, com alunos da graduação, especialização, mestrado e doutorado, além de mestres e doutores, através do estudo e discussões desenvolvidas, da organização metodológica encaminhada e da construção e apresentação dos relatórios de pesquisa. Compreendemos, também, que projetos como este encaminham a consolidação do tripé que deve caracterizar as Instituições de Ensino Superior, sobretudo, as Universidades Públicas – ensino, pesquisa e extensão – em uma única ação, reafirmando a qualidade do serviço prestado à sociedade, tanto contribuindo na construção do conhecimento e de outra concepção de ciência, quanto de uma intervenção profissional aliada ao compromisso social.

Para isto, buscamos relatar nosso trabalho coletivo buscando esboçar outra história, buscando reinventar o presente.

³ O início das atividades do grupo de pesquisa deu-se em janeiro de 2004 e sua conclusão em maio de 2005.

Referências

- BOSI, A. Plural, mas não caótico. In: BOSI, A. **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987.
- BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, A. **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987.
- BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- CALVINO, I. **O cavaleiro inexistente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- FRAGA, A. B. **Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa**. Tese de doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.
- MASCARENHAS, F. **Lazer como prática de liberdade**. Goiânia: Editora da UFG, 2003.
- SILVA, A. M. A natureza da physis humana: indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES, C. L. **Corpo e história**. Campinas-SP: Autores Associados, 2001.
- VAZ, A. F. Educação do corpo, conhecimento, fronteiras. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas: CBCE/Autores Associados, v. 24, n. 2, p. 161-172, jan. 2003.
- WILLIAMS, R. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000./UFRGS/Sulina, 1999, p. 107-139.



As práticas corporais e seu processo de re-significação: apresentando os subprojetos de pesquisa¹

O presente texto apresenta uma síntese dos dados mais objetivos do Projeto Integrado de Pesquisa que apontam para uma caracterização geral do desenvolvimento de cada um dos sete Subprojetos. O início da pesquisa em campo de dois Subprojetos ocorreu no mês de março de 2004 e os demais iniciaram no mês de abril. Por situações singulares vividas por cada Subprojeto, o término das intervenções assim ocorreu: um em julho; três em setembro; um também em novembro e dois em dezembro. Entretanto, todos os Subprojetos deram continuidade aos trabalhos nos grupos de pesquisa até o mês de abril de 2005. Neste último ano, dois Subprojetos continuarão a ser desenvolvidos, agora em forma de extensão universitária, sendo proponentes professoras do Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física – NEPEF/UFSC.

A média de aulas-encontro realizadas pelos Subprojetos foi de 44 (quarenta e quatro), com duração de uma hora e trinta minutos, realizadas duas vezes por semana. No que diz respeito à população participante da

¹ Autores e professores-pesquisadores: Albertina Bonetti, Ana Márcia Silva, Ana Maria Alonso Kruschke, Ana Paula Salles da Silva, Astrid Baecker Ávila, Bruno Emmanuel Santana da Silva, Carlos Luiz Cardoso, Cristiane Ker de Melo, Éden Silva Pereti, Edgar Atilio Fontanela, Elisa Abrão, Fabiana Cristina Turelli, Humberto Luis de Deus Inácio, Lara Regina Damiani, José Luiz Cirqueira Falcão, Lana Gomes Pereira, Leandro de Oliveira Acordi, Luciana Fiamoncini, Maria Dênis Schneider, Maria do Carmo Saraiva, Melina Alarcon, Patrícia Athaydes Liesenfeld, Patrícia Daniele Lima de Oliveira, Priscilla de Cesaro Antunes, Ricardo Walter Lautert e Verónica Bergero.

Pesquisa Integrada, no início dos trabalhos dos Subprojetos, o número total de participantes chegou a 131 (cento e trinta e um) e, no seu término, ficou entre 106 (cento e seis) e 109 (cento e nove) pessoas. Contamos com 62 (sessenta e duas) mulheres e 47 (quarenta e sete) homens, com idade variando dos onze aos sessenta e sete anos.

Os locais de realização dos mesmos foram salas de sede social de bairros, de escolas, da universidade, ou espaços abertos de recantos, de escolas e da universidade. A pesquisa atingiu quatro bairros da periferia da Ilha de Santa Catarina: Trindade, Serrinha, Estreito e Campeche e um bairro, também periférico, comunidade de Vargem do Braço, localizado em um município vizinho, Santo Amaro da Imperatriz. A população participante pertencia ao próprio bairro ou a bairros do entorno do local de realização dos Subprojetos e foi predominantemente constituída por estudantes e trabalhadores, tendo o seu nível sócio-econômico situado entre nível médio baixo e nível médio. Assim, explicitamos os elementos mais objetivos constituidores dos sete Subprojetos.

ARTES CORPORAIS E AVENTURAS NA NATUREZA



Constitui-se de práticas pautadas na análise das possibilidades de novas relações ser humano-natureza, tomando como princípios a sustentabilidade, a partir da concepção do Ecodesenvolvimento, e a educação ambiental. As práticas corporais experienciadas foram eleitas de acordo com as disponibilidades de materiais, equipamentos, parcerias, conhecimento prévio pelos professores-pesquisadores e com a ligação de cada uma delas com um dos elementos que compõem a natureza.

Assim, tivemos as seguintes práticas corporais e suas respectivas relações: *rafting* – elemento água; *rapel* – elemento terra; *tiroleza* e *falsa baiana* – elemento ar e a *corrida de orientação* – elemento fogo.

Foram realizadas dezessete sessões, sendo oito sessões de quatro horas, sete de oito horas e duas de doze horas. Esses transcurso de tempo possibilitaram um contato mais próximo com a natureza, através das práticas corporais de aventura e permeadas pela arte, tanto para a execução das práticas como para os momentos mais voltados à reflexão e à análise, em diversas linguagens: fotografias, desenhos, vídeos etc.

Participaram desta pesquisa vinte jovens, na faixa etária de quatorze anos, sendo quatorze meninas e seis meninos de sétima e oitava séries do Ensino Fundamental da Escola Municipal Augusto Althoff. As atividades da pesquisa de campo se deram, além dessa escola, também na Comunidade de Vargem do Braço, no Centro de Vida Alma Verde e no Recanto da Natureza, locais pertencentes ao município de Santo Amaro da Imperatriz. Esses locais foram eleitos em função de sua localização, próxima (ou mesmo interna) de uma área de preservação permanente, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

Os alunos-pesquisados possuem uma estreita relação com esta área de preservação, pois conhecem o parque e sua trajetória desde a criação até as tentativas mal-sucedidas de implantação do Parque, o que causa inúmeros conflitos sócio-ambientais na região. Alguns dos alunos-pesquisados residem dentro dos limites do parque e convivem mais profundamente com tais questões. Ainda pela proximidade com o parque e por uma grande presença de atrativos ecoturísticos (rios, cavernas, montanhas etc.), várias operadoras de ecoturismo surgiram na região, ofertando as mais diversas práticas corporais de aventura, criando um campo bastante fértil de investigação.

Esta condição também oportunizou o debate sobre educação e sobre sustentabilidade. A pesquisa foi pautada pela identificação da presença e formas de expressão de algumas categorias durante a realização das práticas corporais: a relação ser humano-natureza, a alteridade, a técnica, o acesso às práticas e a corporeidade.

AS ARTES MARCIAIS NO CAMINHO DO GUERREIRO

Essa prática tem o Karatê-Do como ferramenta na qual o ser humano pode compreender e interagir com o Universo que o rodeia e consigo mesmo, de forma mais harmônica e buscando plenitude de vida. Nessa arte marcial não há promoção de nenhum tipo de competição ou de violência, entendendo que a maior competição que o ser humano pode enfrentar ainda é com o seu próprio ego. Este princípio da não-competição está cada vez mais distante do Karatê-Do, sendo esportivizado em praticamente todos os países dos quais se têm notícia, inclusive no estilo Wado-Ryu, escolhido para o trabalho neste projeto.



A especificidade deste trabalho foi constituir em cada criança a compreensão de que ela deve tornar-se um espelho para as outras praticantes, dando o máximo do seu potencial e tornando-se também mais receptiva à cooperação das demais que a rodeiam. Ser “guerreiro”, para estas artes marciais é, então, saber agir em todos os momentos da vida com bravura, pureza, honestidade e lealdade, como quem agiria nos seus últimos momentos de vida.

Assim, o Karatê-Do serve como uma rica experiência nas aulas de Educação Física para o entendimento de formas, talvez alternativas, de se alcançar a vitória que não seja somente através da capacidade física do indivíduo. A filosofia dessa prática corporal indica que a busca pela vitória se dá por meio da mente e do coração vazios de más intenções.

Dessa forma, procuramos passar este entendimento às crianças que participaram desta prática, e esperamos ter participado, de alguma maneira, na construção de uma nova visão de arte marcial. Para tal feito, contamos com a participação de dezesseis crianças residentes no bairro Serrinha, frequentadoras da Casa São José, sendo que constituíram nosso quadro nove meninos e sete meninas com idades entre sete e onze anos.

As intervenções iniciaram em 30 de julho de 2004 e terminaram em 05 de dezembro do mesmo ano. Foram realizadas um total de trinta e oito aulas,

com duração aproximada de quarenta e cinco minutos cada, destacando que as aulas ocorriam duas vezes por semana. As crianças eram matriculadas em escola normal no período vespertino e freqüentavam a Casa São José pela manhã. Estão situadas no grupo de “risco social”, no que tange a seus níveis sócio-econômicos. Para a realização da presente pesquisa fizemos uso de diário de campo, entrevista semi-estruturada, filmagens e fotos.

PRÁTICAS CORPORAIS NA MATURIDADE



No fundamento desta prática corporal está a aposta em sua possibilidade de ação sobre todos os aspectos do ser. Tomando as vivências corporais propostas, centradas na respiração e no alongamento, nossa intenção era construir condições para obter alguns resultados, embora não lineares, que vão desde a redução do nível de estresse a um estado de bem-estar mais harmonioso.

Conhecer as necessidades corporais na maturidade nos conduziu à proposição e à experimentação de diferentes práticas corporais, considerando, no processo das experimentações, princípios como a cidadania, a participação, a cooperação, a solidariedade, a autonomia, na busca pela emancipação humana. Diferentes técnicas corporais foram experimentadas, elaboradas e re-significadas, como massagens (reflexologia, relaxante), Iyengar yoga, técnicas circenses, danças, antiginaástica, relaxamentos, caminhadas, eutonia, bioenergética, meditação, além de propostas de sensibilização para ampliação da consciência corporal e do auto-conhecimento. Essas diferentes técnicas permitiram vivenciar o(s) toque(s), o(s) desequilíbrio(s) e o equilíbrio, o(s) me-

do(s) e a coragem de experimentar, o auto-controle, a(s) insegurança(s) e a segurança, o(s) desconfortos e o bem-estar, enfim, as sensações do corpo, a redescoberta da alegria do se-movimentar, o conhecimento dos limites e o reconhecimento das possibilidades de superação dessas limitações.

Os alunos-pesquisados foram sempre chamados a perceber e a identificar as sensações, dificuldades e possibilidades acerca do vivido, com a intenção de fazer com que se concentrassem e percebessem o seu corpo. Tomamos como palavras-chaves sustentadoras do trabalho de intervenção a sensibilidade, a percepção subjetiva, as sensações, os sentimentos e os significados em relação às experiências vivenciadas. Esferas essas que apontaram para uma avaliação mais qualitativa da ação dos sujeitos, implicando um fazer-pensar o movimento vivido, ou seja, o "se-movimentar".

Nessa direção, elegemos quatro eixos temáticos principais para a construção das intervenções: consciência do corpo; cuidar de si (ser merecedor de cuidados, tempo para si, autonomia); significados da exercitação corporal (alegria do se-movimentar, re-significação das práticas corporais); concepção de maturidade (saber lidar com as transformações do corpo). Perpassando esses temas, na condição de eixos transversais, tomamos o alongamento e a respiração como elementos fundamentais e sustentadores dos movimentos propostos. O trabalho de campo desta pesquisa contou com sessenta aulas-encontro e a participação voluntária de quatorze mulheres e um homem, com idades entre quarenta e cinco e sessenta e sete anos, procedentes de bairros circunvizinhos à Universidade, local onde os encontros aconteceram. O Subprojeto "Práticas Corporais na Maturidade" buscou construir como base fundamental de intervenção no trabalho corporal uma proposta de educação para a saúde plena, na qual a percepção de si-no-mundo-em-relação-com-os-outros foi o elemento principal. Educar para a saúde plena é considerar o ser humano como agente de sua própria saúde e bem-estar, onde o seu bem-estar depende do outro. Como categorias de análise elencamos o "cuidar de si" e a "concepção de maturidade".

VIVÊNCIAS DO CORAÇÃO

A vida moderna nos coloca em contextos de difícil solução e de grande pressão, tanto individual quanto coletiva. Boa parte dessa tensão cotidiana, para além dos imprevistos, tem levado a um aumento significativo do número de doenças, as quais têm se tornando um “mal moderno”. O mundo do trabalho, permeado pela competição e produção permanentes, leva as pessoas a adquirirem hábitos inadequados ao seu processo de viver, cada vez mais estressado, mais sedentário e impossibilitado da realização de algum tipo de prática corporal regular. Isto provoca alterações também no padrão de funcionamento biológico das pessoas, nos hábitos de saúde e no surgimento de patologias clínicas, dentre as quais as doenças cardiovasculares. A dislipidemia é um dos fatores contribuintes na causa de doenças cardiovasculares, principalmente da Doença Arterial Coronariana (DAC), considerado um dos problemas de saúde que afeta grande parte da população adulta na atualidade. Para amenizar o processo de desenvolvimento desta doença nas pessoas, algumas modificações no cotidiano devem acontecer, dentre elas, a incorporação de práticas corporais.



Na perspectiva de propor atividades não pautadas apenas num treinamento da função aeróbia ou da flexibilidade, desenvolvemos vivências corporais lúdicas para pessoas que apresentavam diagnóstico de dislipidemia (ou portadores de afecções cardiovasculares). Entre os resultados obtidos pudemos elencar as alterações sobre o bem-estar, a auto-estima e a sociabilidade, além dos efeitos fisiológicos e orgânicos corroborados pelos testes, contribuindo para a prevenção de eventos cardiovasculares e para

uma vida mais saudável dos participantes. Desenvolvemos o conhecimento e a reflexão sobre a dimensão corporal, proporcionando ao grupo autonomia e a possibilidade de auto-organizar-se para uma prática continuada. Procuramos desenvolver as aulas-encontro ampliando o domínio da vivência/experiência e oferecendo estímulos para uma qualidade de vida socialmente referenciada.

Nas vivências/experiências, procuramos construir o direito ao jogo, ao lúdico e à criatividade proporcionando a possibilidade de sentir prazer na relação com o corpo, com o movimento e com o outro, através das manifestações da cultura de movimento, tais como danças, jogos, lutas, ginásticas, caminhadas, yoga, dentre outras. Este Subprojeto ofereceu oitenta e quatro sessões de vivências lúdicas para adultos – sete mulheres e três homens – portadores de afecções cardiovasculares, com idades que oscilaram entre os cinquenta e um e os setenta e quatro anos. A maioria deles eram ex-funcionários do HU da UFSC, de Florianópolis-SC, participantes do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa, Ensino e Assistência ao Portador de Dislipidemia (NIPEAD)². As vivências aconteceram duas vezes na semana, com duração de uma hora cada sessão. O local era o Grêmio do Hospital Universitário da UFSC, com início em 12 de abril de 2004 e término em 29 de outubro de 2004. A maioria dos participantes da pesquisa era casado, variando seu nível sócio-econômico entre as classes média e média-baixa. O grau de escolaridade dos participantes oscila entre pessoas que não concluíram o Ensino Fundamental e pessoas com títulos universitários. Residem em diferentes bairros de Florianópolis e têm em comum o atendimento à prescrição médica devido a suas doenças, preocupados com a prevenção e a reabilitação de eventos cardiorrespiratórios.

Os dados foram obtidos através de técnicas qualitativas (observação participante, fotografias, anotações no diário de campo, questionário e entrevista semi-estruturada) e quantitativos (medidas antropométricas, medidas das dobras cutâneas e mensuração dos perímetros, flexibilidade), realizadas em duas etapas: a primeira em abril e a segunda em outubro de 2004. Para a análise dos dados foi realizada a técnica da triangulação e a análise de conteúdo, surgindo duas grandes categorias – Vivências Corporais Lúdicas: a ênfase na polissemia corporal e na socialização; e Saúde, Doença e Estética: percepções e mudanças.

² O NIPEAD é constituído por uma equipe multiprofissional e interdisciplinar do Hospital Universitário da UFSC e tem como objetivo a "Avaliação da intervenção multiprofissional e interdisciplinar na prevenção e tratamento de Eventos Cardiovasculares em uma comunidade universitária".

DANÇANDO COM SEU TEMPO

O movimento é a matéria-prima da dança. Como manifestação da cultura corporal na sua polissemia e em sua dimensão estética, a dança possibilita uma experiência importante, sobretudo entre os jovens “alinhados” com seu tempo. As atividades deste Subprojeto foram pautadas por uma metodologia de construção que lida, basicamente, com o sensível na construção dos movimentos. Situando-se a partir dos fundamentos metodológicos da improvisação, busca auxiliar os jovens na leitura do mundo que os cerca, inclusive porque mostra a expressão fundada na dimensão corporal como uma formação



de linguagem, linguagem esta que é possibilitadora da construção de si, de sua subjetividade com uma perspectiva mais autônoma, além de profundamente prazerosa na interação com a linguagem musical.

O grupo constituiu-se inicialmente com duas alunas-pesquisadas da Universidade Federal de Santa Catarina, localizando-se os trabalhos na sala de dança do Colégio de Aplicação desta Universidade. As acadêmicas chegaram até nós estimuladas pela idéia de dançar, abertas à experimentações e à descobertas através da “nova” dança que a elas se apresentava, conforme suas declarações iniciais. Por motivos diversos, as aulas-encontro foram transferidas para o laboratório de dança do CDS/UFSC, sendo que, ao mesmo tempo, investimos numa divulgação mais ampla na comunidade universitária e nas demais adjacentes à UFSC. Após esta divulgação houve um aumento significativo no número de participantes, sendo que chegamos a registrar vinte e nove pessoas, oscilando o número de pessoas presentes, nas primeiras semanas, entre vinte e vinte e cinco. Dentre estas, cinco eram homens. A procura pelas aulas-encontro deu-se predominantemente por acadêmicos desta uni-

versidade, de graduação e pós-graduação, tendo-se constituído o grupo fixo, que freqüentou as aulas-encontro até o término da pesquisa, em treze pessoas, destas, apenas dois homens. A média de idade do grupo era de vinte e quatro anos; seu nível sócio-econômico médio e oriundo de vários Estados, predominando a procedência da região Sul do Brasil.

As aulas-encontro que foram computadas no corpo do Subprojeto – período de investigação – tiveram início em 7 de abril e término em 17 de setembro de 2004, compondo um total de trinta e uma sessões ministradas. Em função da greve dos servidores desta Universidade, algumas aulas-encontro foram realizadas ao ar livre, em vários espaços da UFSC, como quadra desportiva e bosque, nas adjacências do CDS. Trabalhamos com formas destereotipadas ou despadrionizadas, em que as pessoas criavam seus movimentos para a dança a partir das suas próprias formas de movimento do cotidiano, de sua imaginação, dos estímulos e condicionantes externos que lhes eram dados: músicas, gestos, as outras pessoas etc. Isso possibilitava criar novas composições e implicavam, também, em outras técnicas. As sessões, de uma hora cada, aconteceram duas vezes por semana. Considere-se que o prazo registrado da pesquisa, até 17 de setembro de 2004, aconteceu como tempo propriamente dito de coleta de dados da investigação, e as aulas-encontro tiveram continuidade até 19 de novembro do mesmo ano, pois o grupo de professoras-pesquisadoras assumiu a responsabilidade de não abandonar os (as) integrantes do Projeto em meio às atividades.

CAPOEIRA E OS PASSOS DA VIDA

A capoeira constitui-se numa atividade em que o jogo, a luta e a dança se interpenetram, numa intrincada relação de reciprocidade. Ela é, ao mesmo tempo, luta, dança e jogo, embora seu praticante seja definido como um jogador e não como um lutador ou dançarino. A roda constitui-se no momento mais importante das atividades da capoeira. Trata-se de uma festa que os capoeiras dão a si mesmos. Esta particularidade de sua constituição faz da roda de capoeira um universo empolgante, capaz de fazer emergir as mais diferenciadas emoções. A improvisação é, provavelmente, uma das razões que faz muitas pessoas ficarem horas a fio assistindo, meio “hipnotizadas”, uma roda de

capoeira, na expectativa de que, a qualquer momento, todo o quadro se altere.

A observação apurada de uma roda de capoeira não garante, com segurança, uma transcrição ao pé da letra do que acontece em cada jogo. São momentos especiais que, apesar de seguirem o mesmo ritual, refletem aspectos muito particulares da vida compartilhada coletivamente. Cada roda tem suas peculiaridades, sua própria energia, mesmo que seja protagonizada pelos mesmos jogadores. Na roda de capoeira, todos os golpes e contragolpes partem da ginga, a movimentação “básica” do capoeira. É ela que impede o confronto direto entre os jogadores. Portanto, como o enfrentamento é indireto, em geral não se bloqueia o golpe do outro jogador. No jogo, esses golpes são mesclados com um número indefinido de negaças, esquivas e fintas que cada capoeira improvisa a partir de suas possibilidades, numa espécie de dramatização ou tapeação do confronto direto. Tudo isso, vale dizer, completa-se com a mandinga, que significa, para o capoeira, saber ler as intenções do outro, fazendo-o “entrar na sua”, antecipando-se para que o outro jogue o seu jogo e não o dele.

A articulação do ritmo musical com a expressão gestual, mediada pela orquestra composta de instrumentos percussivos, remete a capoeira à condição de uma das raras manifestações culturais com esta característica no



mundo todo. O berimbau é quem dita o ritmo do jogo. A música cantada (cantiga), muitas vezes de improviso, alimenta a imaginação, e as palmas empolgam o diálogo corporal. Essa integração potencializa e agrega o desafio, a atenção, o medo, a alegria, a coragem, enfim, vários componentes essenciais da

condição humana, colocados em jogo e embalados pelos sons das cantigas, dos instrumentos musicais e das palmas dos demais participantes da roda. Explorada pedagogicamente, pode constituir-se num exuberante e fértil campo de investigação e aprendizagem, além de possibilitar singular permuta afetiva e exercícios de catarses.

No seu desenvolvimento, a capoeira incorporou hibridismos, estranhas conexões e diálogos dissonantes. Ela é hoje, sem dúvida, policêntrica e polifônica e não se acomoda às explicações maniqueístas. Nesse fluxo plural de hibridismos e dissonâncias, ela escamoteia elementos “originários” ou “nativos” que muitos querem capturar. Ela se manifesta obscura, incerta, opaca, ambígua e contraditória; encaixando-se e desencaixando-se das fronteiras identitárias, sejam elas raciais, étnicas ou de nação.

O Subprojeto de Pesquisa “Capoeira e os Passos da Vida” foi desenvolvido na Escola Básica Estadual Januária Teixeira da Rocha, localizada na região pesqueira da praia do Campeche, município de Florianópolis, SC. Materializou-se na perspectiva de investigar a capoeira a partir de um enfoque interdisciplinar de trabalho, considerando a polissemia dessa manifestação cultural e a necessária articulação de aportes teóricos vinculados à filosofia, à história, à sociologia e à pedagogia.

A metodologia utilizada constituiu-se numa forma adaptada de pesquisa-ação, à medida que a população-alvo contemplava crianças e adolescentes. Para tal, participaram das cinquenta e duas sessões, treze meninos e oito meninas, na faixa etária entre seis e dezessete anos e o término da coleta de dados se deu no mês de novembro. A cantiga interativa e o lúdico rebelde foram categorias empíricas que emergiram da pesquisa. Os resultados suscitaram reflexões importantes a respeito do trato com essa manifestação cultural na perspectiva da auto-organização e autogestão e sugerem que uma experiência pedagógica estimulante dispensa arroubos de sofisticação e de equipamentos. Esta condição remete-nos para a possibilidade de tratar a capoeira como uma experiência plena, suficiente em si, desprovida da necessidade de outras modalidades de brincar para sua realização e/ou seu aprendizado.

HIP HOP, MOVIMENTO E CIDADANIA

Esse fenômeno social que tem se expandido pelo mundo, deixando sua origem jamaicana para os becos do Harlem americano, chegou ao Brasil há cerca de vinte anos, instalando-se nas periferias de grandes cidades, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro. Esse movimento de rua identificado, desde sua origem, com as classes populares, inclui os âmbitos da música Rap, com os

MCs e os DJs – criadores e reconstrutores do vinil –, da grafiteagem e uma dança “de rua” extremamente dinâmica e expressiva. É movimento social em movimento, dado que a dimensão da luta pela cidadania e contra os preconceitos raciais existentes, seja de forma sutil ou de confronto, porém, sempre violento como todo preconceito o é. O hip hop é uma expressão deste tempo, de grande potencial educativo.

O trabalho desenvolvido neste Subprojeto aconteceu na Sede Social do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Coloninha, bairro Estreito, região continental da cidade de Florianópolis, SC, com a participação de treze meninos e sete meninas, em sua maioria estudantes do Colégio Estadual Irineu Bornhausen, situado no mesmo bairro.

Como “oficineiros”, Educadores Populares, compuseram também a pesquisa seis rapazes – *hiphoppers* – com idade entre dezenove e vinte e um anos. Eles acompanharam, participaram e interferiram nesta pedagogia corporal, através de trinta e nove sessões, com uma hora e meia de duração cada, no período de abril a setembro.

Buscavam identificar suas interfaces com a luta pela superação da sociabilidade em que vivemos, mediante a recriação social, dimensões que estiveram “incorporadas” neste movimento, sendo, justamente, a formação dos educadores do movimento hip hop o foco da pesquisa realizada. Com estes Educadores Populares realizou-se um total de vinte e uma sessões de formação, com duas horas de duração cada. Nestas aulas-encontro, estudava-se, se lia os diários de campo, discutia-se, planejava-se, avaliava-se e re-planejava-se as experiências desenvolvidas nas oficinas, bem como, eram debatidos os encaminhamentos da própria pesquisa. O processo de formação e análise centrou-se nas seguintes categorias: estratégias didáticas, hegemonia, ideologia e cidadania.





Práticas corporais: invenção de pedagogias?

CARMEN LÚCIA SOARES

Ao partilharmos da idéia de que a educação é um processo cultural no qual nos inserimos cotidianamente, temos a certeza de que somos educados por tudo o que nos rodeia, da palavra à arquitetura das casas, das escolas, dos prédios onde trabalhamos, educados pelas ruas e espaços destinados às práticas corporais, elas mesmas formas específicas de educação.

Um olhar mais atento a todo esse aparato arquitetônico e material destinado às práticas corporais revela uma padronização de atividades, as quais parcela significativa da população é “educada” a consumir, como possibilidade única de colocar o corpo em movimento, ao largo das atividades realizadas no âmbito do trabalho.

Uma história da arquitetura esportiva, portanto, revela modos de pensar e agir em relação à educação do corpo – é parte da memória coletiva e individual das sociedades, pois combina vontade, conhecimento, poder. É uma outra voz que narra pela pedra, pelo concreto, as histórias vividas, guarda o que foi feito no que revela e no que esconde, concentra opostos e condiciona indivíduos e populações inteiras. Resultado, portanto, de intenções e de invenções, a arquitetura esportiva é condicionada por uma sucessão densa e tensa de atos humanos que tecem os lentos processos de educação dos corpos, de sua liberdade e de sua opressão; é, desse modo, expressão de transformação de sensibilidades. Pensar esse aparato arquitetônico como *discurso material* (ZARANKIN, 2002) permite uma compreensão, no âmbito das práticas corporais, daquilo que Foucault denominou *controle das populações* (FOUCAULT, 1999).

Não é intenção deste ensaio escrever uma história da arquitetura esportiva, mas tão-somente registrar o seu poder nas múltiplas esferas de nossas vidas, na intimidade de nossos corpos, nas escolhas de nossos divertimentos. Uma *piscina retangular*, uma *quadra poliesportiva* ou mesmo as supermodernas e equipadas *academias de ginástica* não são apenas inocentes lugares destinados a manter a boa saúde dos indivíduos que fazem parte de uma determinada sociedade; esses lugares que concentram e expressam conhecimento e poder são, portanto, discursos materiais que educam, constroem, socializam e induzem ao consumo de objetos, de práticas, de modos de vida.

Em outras palavras, vive-se a *voga do esporte* e os espaços destinados e codificados para sua prática, ou seja, a *arquitetura esportiva*, assim como os produtos decorrentes de sua divulgação massiva podem ser compreendidos como *dimensão pedagógica* do poder. É preciso que cada escola possua a sua pequena quadra poliesportiva, retangular, com o chão desenhado em cores diferentes que traduzem as dimensões dos espaços para a prática, por exemplo, do basquetebol, handebol e voleibol. É preciso que os espaços destinados às práticas corporais aquáticas possuam dimensões precisas e reproduzam, em miniatura, as *piscinas olímpicas*, ou seja, a *forma retangular*, com metragem específica e proporcional própria do esporte de competição e da *modalidade esportiva natação*.

Contudo, seria estimulante pensar que não há qualquer inocência nesse mundo construído pela referência ao “esporte”, pelo contrário, a *voga do esporte* que se vive hoje traz consigo um estilo de vida que implica *empresariar* a vida cotidiana em suas mais delicadas interfaces, em seus mais íntimos espaços. Implica, portanto, sucesso social, glorificação do consumo, midiatisação da empresa como modelo de vida, explosão da aventura, culto à performance. O esporte abriga esses valores e esses modelos, é mesmo a sua expressão massificada.

Cada vez mais, o indivíduo é intimado a *empresariar* a sua vida e a pensar na concorrência, essa *pedagogia de massa*, conforme afirma Alain Ehrenberg (1991). O culto da performance transforma-se em norma, fazendo uma síntese entre competição e consumo, “[...] casando um modelo ultracorrencial e um modelo de realização pessoal. Emprestando à competição esportiva seu critério de justa concorrência e ao consumo sua temática de realização pessoal” (EHRENBERG, 1991, p.19).

É possível pensar que o esporte se evadiu de si próprio e se tornou uma essência que emana de certos produtos, empresas, pessoas, objetos. Ele é um *estado de espírito* e a competição é seu grande pano de fundo, sua grande novidade no que diz respeito aos costumes. Este *estado de espírito* ou mesmo este *estilo de vida esportivo* alia performance a consumo, e os campeões esportivos surgem na cena social, hoje, como símbolos de excelência. É bem verdade que isto não foi sempre assim, nem sempre os atletas foram símbolo de sucesso ou mesmo de um *estilo de vida*. As imagens de máxima eficácia manejadas diuturnamente em nossos dias se reportam ao corpo e se aliam ao consumo de bens e produtos como vetores de realização pessoal. Traço visível das contemporâneas sociedades de massa, o apelo ao corpo é, ele mesmo, revelador de um olhar sobre esse reduto ainda rebelde, ainda misterioso, ainda factível.

A *versão atlética e esportiva* do mundo, dos corpos e das relações humanas, seu apelo constante e insistente de ultrapassagem de limites, possui referência direta ao status que a *competição esportiva* conquistou. Seu conteúdo hoje expressa princípios de ação e não apenas um conjunto de práticas corporais específicas, tradicionalmente denominadas *esporte*. O esporte evadiu-se do esporte, conforme afirmação de EHNBERG (idem), tornou-se um estado de espírito, um modo de formação e de pertencimento social, referência privilegiada a uma competitividade supostamente primordial e inerente ao ser humano e que produz uma sociedade competitiva. Há, portanto, uma invasão no espaço político, social e mental de um modo de vida que tem como suporte a competição esportiva e o consumo.

Outro aspecto que pode ser considerado a partir desta *pedagogia de massa* que toma a competição esportiva como modelo diz respeito ao indivíduo em seu trabalho, em sua intimidade e na escolha de seus divertimentos. Nesta nova ordem, o indivíduo deve conduzir sua vida de modo “profissional”, ele deve ser o profissional de sua própria performance. Num certo sentido, é possível falar em *profissionalização da vida* (idem), único modo de existir e definir uma identidade social. A concorrência é hoje uma pedagogia de massa que constrange todos os indivíduos a tornarem-se alguém. Esta *versão muscular da vida em sociedade* (idem, p.16) tem conseqüências sobre o indivíduo e sobre a existência humana.

Performance generalizada e cultuada em todas as esferas da vida, estilo esportivo de ser, competitividade máxima, rendimento extremo e ultrapas-

sagem contínua dão à competição esportiva o lugar privilegiado nessa nova ordem social e corporal: o *culto da performance* como norma de vida faz a síntese perfeita entre competição e consumo, aproximando de modo singular a idéia de *justa concorrência* dada pela competição esportiva e o *consumo* como modo de realização pessoal.¹ A vida é mesmo uma empresa!

Desse modo, as piscinas retangulares *semi-olímpicas*, as quadras *poliesportivas*, as *academias de ginástica* equipadas com inúmeros aparelhos destinados à modelagem do corpo e/ou à sua performance fazem parte de um cotidiano urbano e do imaginário rural, alcançado pela mídia televisiva, como locais destinados às práticas corporais. Como lugares, portanto, de inserção e integração social e talvez hoje muito mais desejados e convincentes que a própria escola, portanto, como *lugares de formação*. A suposta igualdade de oportunidades seria alcançada aí e não mais na tradicional escola e em seus anos de dedicação; tudo é rápido e efêmero, tudo muda de um modo assustador, violento, e o corpo deve estar preparado (ou treinado?) para suportar as cargas, ultrapassar as fronteiras do que se conhece e do que se desconhece. O esporte é mesmo um modo bastante eficaz de governar a si próprio e de controlar as populações, e seu universo moral acompanha inumeráveis empreendimentos educativos, ele é mesmo uma *pedagogia de massa*. Num certo sentido, é possível afirmar que o esporte pretendeu, sobretudo ao longo deste último século, inventar um universo à parte e

[...] ser *esportivo* seria ser *moral*, *jogar* seria ser *exemplar*. De onde esta referência constante à pureza, este interminável trabalho para a perfeição e o valor. De onde este sonho, ainda, de uma cidade ideal, apartada, na qual seus habitantes governam-se por suas próprias leis, cidade reconciliada no espetáculo esportivo e na competição (VIGARELLO, 2004, p.07).

Imagens primeiras, sem dúvida, fáceis mesmo, e que não concentram a ambigüidade desta prática, sua face escura traduzida pela violência supostamente controlada, as lesões dos atletas raramente divulgadas pela mídia, a corrupção, o *doping*. Seu mito fundador é aquele da regra de afrontamento, regra de engrandecimento, regra de igualdade. Mas, qual o sentido disto tudo,

¹ Conforme as idéias de Alan Ehrenberg (1991).

deste modelo exemplar e fascinante em meio a suas contradições maiores, quais sejam, o *doping*, a violência física ou psicológica, o estímulo aos nacionalismos mais rasteiros, a homofobia declarada? É porque existe uma força coletiva muito particular na sociedade que, de fato, exprime e alimenta esta paixão contínua e mesmo inquieta concernente ao *afrontamento constante*, uma força coletiva que deseja sempre se identificar com heróis e fabricá-los, em um mundo que se apresenta desencantado. O esporte, sem dúvida, joga com este papel. (ibidem).

Mas o que as imagens de um estilo de vida esportiva veiculadas como modelos significam, o que querem dizer e o que efetivamente dizem? Como pensar os corpos e as práticas corporais em meio a esta avalanche de imagens e de ordens que concernem a um individualismo extremo e a uma absoluta referência ao corpo como o verdadeiro cartão de visitas? Como pensar práticas corporais que não estejam ancoradas no modelo da competição esportiva? Como apresentar a ambigüidade primordial do esporte, seus excessos, as lesões físicas e psíquicas dos atletas, sua corrupção, sua violência como faces da mesma atividade humana?

UMA PEDAGOGIA DE MASSA: O ESPORTE

Ao pensarmos que o ano de 2004 foi considerado pela União Européia e pelo Parlamento Europeu “o ano europeu de educação pelo esporte”, projeto adotado pela Unesco para o ano de 2005, podemos ter uma idéia de como o *espírito esportivo* e seu mundo de heróis velozes e capazes invade as múltiplas esferas da vida pública e privada. Este detalhe de política internacional, esta escolha do esporte como tema de educação pela Unesco neste ano não é menor, pelo contrário, ele é mesmo portador de um modelo de comportamento e este modelo não é diferente no Brasil e em sua atual política para o setor.

Exemplo desta submissão ao modelo esportivo pode ser encontrado na arquitetura escolar no Brasil, particularmente no que concerne aos espaços destinados às práticas corporais. De um modo geral, pouco espaço é destinado a estas práticas nas escolas, por vezes ele é mesmo inexistente. Contudo, uma *quadra poliesportiva* pode ser encontrada mesmo nas escolas que possuem precárias estruturas arquitetônicas. Do mesmo modo, naquelas que

apresentam arquitetura e equipamentos considerados ideais, as quadras estão lá, e quando piscinas são construídas, seguem as especificações do esporte² de alto rendimento e adquirem o formato retangular da piscina “semi-olímpica”.

Se partilhamos da idéia de ser a arquitetura³ um caso particular de linguagem, portanto possibilidade concreta de materialização de discursos, podemos afirmar que a arquitetura esportiva é parte desta *pedagogização do mundo*, intervenção sobre modos de ser e de viver, que possuem implicações diretas sobre o corpo.

Aparentemente não há nenhum inconveniente na construção destes espaços, seja em escolas ou em outros lugares, até porque parece algo estabelecido que colocar o corpo em movimento é fazer “ginástica” em alguma academia superequipada e/ou praticar alguma atividade “esportiva”. Torna-se difícil pensar práticas corporais e espaços para o seu desenvolvimento, seja em escolas ou fora delas, que não estejam domesticados pela cultura do esporte de alto rendimento, do treinamento desportivo e todo seu aparato científico.

Isto porque o esporte deixou de ser apenas um exercício físico e passou a ser um estilo de vida, um estado de espírito; ele não é apenas divertimento, ou mesmo uma pedagogia virtuosa do corpo. A extensão da *mentalidade esportiva* ultrapassa largamente aquilo que denominamos universo dos lazes esportivos. A compreensão do esporte como *estilo de vida* vai afetar o seu status e a sua significação em referência à sociedade, uma vez que sua forte ancoragem na vida cotidiana revela que ele não mais constitui apenas uma das muitas formas de divertimento ou mesmo de uma atividade organizada tendo em vista performances a cumprir. Mas o esporte vai significar a manifestação de um *benefício generalizado* à vida das populações. Ao sair dos ginásios

² Cf. Valter Bracht (1997, p.95), “O esporte ‘moderno’ desenvolve-se a partir do século XVIII em estreita relação com o desenvolvimento da sociedade capitalista inglesa [...] e vai constituir-se fundamentalmente a partir de atividades do âmbito do divertimento das classes dominantes no seu tempo livre e dos jogos populares. [...] O desenvolvimento e a expansão do esporte aconteceu tendo como pano de fundo o processo de modernização dos séculos XIX e XX. [...] Muitos dos elementos característicos da sociedade moderna, no caso capitalista industrial, vão ser incorporados e/ou estão presentes no esporte: orientação para o rendimento e a competição, a cientificação do treinamento, a organização burocrática, a especialização de papéis, a pedagogização e o nacionalismo – este último sendo central para a expansão do esporte promovida pelo movimento olímpico. Esta forma de prática corporal, com estas características, ou seja, orientado para o rendimento e a competição, vai expandir-se a partir do século XIX para o continente europeu e vai transformar-se ao longo do século XX no conteúdo hegemônico da cultura corporal de movimento ao nível mundial”.

³ Para maiores informações, consultar Andrés Zarankin (2002).

e estádios, ele abandona os limites restritos ao âmbito das práticas e dos espetáculos esportivos e alarga seu universo de ação transformando-se em

[...] um sistema de condutas de si que implica diretamente o indivíduo no que concerne a sua autonomia e sua responsabilidade [...] quando a forma física e a aparência corporal não são mais isoladas no âmbito do privado, quando a prática dos esportes diz respeito à eficácia de sua inserção profissional em uma empresa, quando ela, a prática esportiva, rege tanto a conquista de uma carreira quanto a conquista de sua dignidade profissional, o esporte pode ser lido como uma técnica de fabricação de autonomia, uma aprendizagem de governamentalidade de si mesmo que joga tudo tanto no que concerne à vida privada quanto na vida pública (...) imagens de vida e modos de ação se popularizam, adquirem credibilidade por meio do esporte (EHRENBERG, op.cit., p.178).

Retomando a expressão de Ehrenberg, essa visão *muscular e atlética da vida* (idem, p.17) vem transformando velozmente os gestos cotidianos, os gestos íntimos, os modos de viver, de comer, de divertir-se, de amar. Assim, por exemplo, uma simples caminhada ou um passeio num parque ou mesmo pelas ruas do bairro onde se vive começa a ganhar contornos de *exercício físico sistemático*. Há programas específicos de *atividade física e saúde* que invadem de uma maneira jamais vista, em termos de intensidade e de detalhamento, os gestos mais íntimos, impondo performances sempre mais pessoais. Revistas de *cultura física* ou de *sport*, ou mesmo de *educação física*, sempre destinaram espaços em suas páginas para convidar as famílias⁴ a exercitar-se. A grande novidade que se apresenta em nossos dias no âmbito deste universo das práticas corporais é a de se fazer *norma geral* e, ao mesmo tempo, estimular *performances individuais*: “o importante é fazer alguma atividade física”; “subir e descer as escadas do prédio em vez do elevador”; “os serviços domésticos podem auxiliar no emagrecimento e na boa forma”; “emagreça deixando o carro a três quadras do seu trabalho”; “meia hora, três vezes por semana de caminhada”... enfim, os exemplos são abundantes. Entre estas e muitas outras indicações de como *ganhar uma melhor performance*, nela incluindo, é claro,

⁴ Por exemplo, a revista francesa *Culture Physique*, que tem sua aparição na década de 10 do século XX. Neste periódico, encontramos uma seção de ginástica da família e/ou “ginástica para você fazer em casa”; a *Revista Educação Física*, editada no Brasil entre 1932 e 1948, também dedica uma seção aos exercícios físicos e também afirma que ao fazer a limpeza da casa, ir às compras, a *mulher* estará se exercitando.

o *corpo magro e jovem*, o que está em jogo aqui é exatamente uma idéia de *medir*⁵ de um modo extremo as atividades cotidianas e, ao mesmo tempo, produzir uma cartografia da vida. Todos os gestos cotidianos devem ser parame-trizados: quantas calorias são gastas varrendo a casa ou o jardim, passando roupa, lavando o carro, cuidando da horta? Quanto se ganha em *benefício aeróbico* caminhando X quadras entre a casa e o trabalho? Que benefícios podem advir de carregar duas sacolas de compras feitas no supermercado, cada uma com aproximadamente 2 kg ou mais ou menos, três vezes por semana? Fazer sexo X vezes por semana pode aumentar sua capacidade aeróbica em X% e, ao mesmo tempo, permite perder X% de calorias e emagrecer. Esses são exemplos que, diuturnamente, invadem a vida cotidiana, esquadrinham a intimidade, e tudo se torna objeto das leis básicas da fisiologia do exercício, ou seja, em todas as atividades há de haver *regularidade, intensidade e frequência*. Uma cultura da performance invade a vida e cria parâmetros gerais para os gostos, estimula uma competição íntima e condena o ócio, a lentidão, a inutilidade dos gestos prazerosos feitos ao acaso e desenha o *prazer de ser esportivo*, prazer único e verdadeiro.⁶

A cultura de movimento, conceituação de caráter mais global que concretiza práticas culturais nas quais o movimento humano é o elemento principal de intermediação simbólica e de significações produzidas e mantidas, tradicionalmente, por comunidades ou sociedades⁷, vai sendo substituída por práticas corporais padronizadas e difundidas como corretas, modernas, e estabelecidas como mais adequadas ao bom desenvolvimento do corpo e à manutenção da saúde.

Na cidade, onde há uma concentração de corpos, mas não somente nela, dado o caráter globalizado que adquirem as práticas humanas, tem prevalecido uma cultura de movimento que educa indivíduos e grupos a buscarem um *estilo de vida esportivo*! Este estilo de vida carrega consigo padronização de gestos e comportamentos e estimula o consumo: é “necessário” possuir o *tênis ideal* para caminhar ou para correr; é “imprescindível” uma *roupa inteligente*

⁵ Desenvolvi de um modo mais extenso a temática da medida no governo de si em Carmem Soares (2004).

⁶ Não menos invadido é o universo da alimentação, universo atravessado pelas culturas e que vem se transformando em números de calorias, de sais minerais, vitaminas, radicais livres e outros indicadores bioquímicos. Comer parece que se transformou em uma fórmula químico-matemática, e ao mesmo tempo um pecado muito maior que o da gula.

⁷ Esta conceituação é bem desenvolvida por Elenor Kunz (1991).

e que é específica para cada atividade. Mas este estilo esportivo, por fim, traz consigo algo muito mais profundo e permanente: trata-se de uma ideologia da juventude e da magreza.

Nos últimos duzentos anos, o mundo ocidental⁸ tem afirmado uma cultura de movimento que, investida pela ciência e pela tecnologia, sobrepôs-se a práticas singulares de indivíduos, grupos, classes sociais, comunidades e sociedades e, consciente ou inconscientemente, legitimar práticas de controle do corpo em movimento e, sobretudo, do prazer do corpo em movimento; ela vai, mesmo, inventar um único prazer. O exemplo mais tangível é a imposição do *esporte* como forma dominante de organização da corporeidade, cuja idéia central é o *rendimento*. É o esporte de alto rendimento que impõe o seu conteúdo à cultura de movimento através de várias estratégias, sendo uma delas a manipulação da cultura material. Conforme já analisamos neste trabalho, a arquitetura e a construção dos espaços destinados às práticas corporais jogam um papel importante na escolha e na determinação das atividades desenvolvidas. É possível afirmar mesmo que elas educam o corpo de um modo muito mais profundo do que podemos imaginar, uma vez que os espaços construídos não são neutros, pelo contrário, agem sobre os indivíduos que deles fazem uso⁹.

O esporte de alto rendimento está presente nas mais ingênuas propostas de práticas corporais, quer seja de um modo explícito, quer seja de um modo sutil, quase escondido. A partir das teorias do treinamento desportivo, o esporte de alto rendimento tem “organizado” desde as competições esportivas mais modestas, por exemplo, aquelas praticadas nas empresas, nas indústrias, nas escolas de ensino fundamental e médio, até os programas de atividade física desenvolvidos em academias. Até mesmo dietas alimentares e mesmo regimes de emagrecimento que são acessíveis a um número significativo de pessoas são organizados a partir dos parâmetros deste gênero de prática corporal.

Se a concorrência é pedagogia de massa, representando esta versão muscular da vida, é porque o princípio do *rendimento máximo* do indivíduo também invadiu todas as esferas da vida. Daí ser mesmo possível a adoção da competição esportiva e do esporte de alto rendimento como modelo de edu-

⁸ Para maiores referências consultar Ana Márcia Silva (2001); Jacques Gleyse (1997).

⁹ Ver a respeito Andrés Zarankin (2002 e 2004); Carmen Soares e Andrés Zarankin (2004, p.23-35).

cação corporal, como modelo de práticas corporais, uma vez que o princípio básico deste elemento da cultura de movimento é o *rendimento máximo*, a *competitividade máxima*, a estetização do *sacrifício*, o *ocultamento da dor*, a *justificação do prazer*.¹⁰

As imagens dos Jogos Olímpicos ou de outros eventos esportivos de alto rendimento constituem um fértil campo de análise de nossa vida em sociedade. São imagens nas quais os atletas sempre surgem como super-heróis, com seus corpos plásticos, flexíveis e audazes, tornando-se modelares pela aparência, pela bravura e coragem com a qual enfrentam e ocultam as dores dos excessos de trabalho impingidos, para que brilhem durante segundos nos pódios. E se a dor não pode ser ocultada, ela então é exibida como face do caráter heróico que o esporte de alto rendimento tem concentrado.

Mas não seria a dor uma dimensão importante, talvez a mais básica para refletir de um modo mais profundo acerca desta visão muscular e atlética do mundo que tem no esporte de alto rendimento sua forma modelar? Le Breton (1995, p.11) afirma que

[...] dor é íntima, certamente, mas, ela é também impregnada de social, de cultural, de relacional, ela é fruto de uma educação. Ela não escapa aos vínculos sociais. [...] Ela é uma manifestação ambígua da defesa do organismo. Privado da capacidade de a sentir, a existência humana torna-se terrivelmente vulnerável.

Para a atividade esportiva existir, é imprescindível uma educação pela dor e para a dor, em outras palavras, há nesta atividade uma relação bastante íntima com o sofrimento.

[...] A atividade esportiva não exige somente uma boa técnica e um modo particular de resistir à fadiga, ela é também uma luta íntima com o sofrimento, com a tentação seguidamente irresistível de se abandonar e de conhecer o êxtase provisório da derrocada sobre a pista. Quando o corpo torna-se inimigo de toda progressão, o ator compõe com sua dor. (idem, p.204).

¹⁰ As idéias aqui brevemente tratadas a respeito do esporte de alto rendimento e do treinamento desportivo são brilhantemente desenvolvidas por Alexandre Fernandes Vaz (1999, p.89), bem como em artigos publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte no ano de 2004.

Dimensão heróica, sem dúvida, poucas vezes tratada de maneira clara, a relação entre esporte de alto rendimento e sofrimento¹¹, entre dor física e glória esportiva, faz-se presente no imaginário das práticas corporais mais singelas em que a performance é do indivíduo consigo mesmo. É a imanência mesma desta atividade referência que se faz presente nas mais distintas esferas da vida e nas inúmeras práticas corporais. Ela apresenta uma visão *científica* da dor e do sofrimento, deseja representar mesmo o seu controle, esta relação íntima de supor ser possível chegar sempre a um limite maior, não importando as condições para tal empreendimento.

Evidente que, no que diz respeito ao esporte de alto rendimento, não é possível negar que o/a atleta é um/a garoto/garota-propaganda de logomarcas que sustentam esta poderosa indústria do entretenimento contemporâneo: o esporte de alto rendimento e/ou espetáculo. Como também não dá para negar o forte apelo e a enorme influência destes heróis modernos na vida cotidiana.

UMA PEDAGOGIA PARA O CORPO: A GINÁSTICA CIENTÍFICA DO SÉCULO XIX

A existência de formas modelares de educar e cuidar do corpo não é nova e podemos encontrá-las ao longo da história. De maneira mais ou menos visível, de maneira mais ou menos importante, essa dimensão da educação está presente e as obras são extensas e numerosas. A novidade que o século XIX aporta e da qual somos ainda tributários diz respeito a uma forma de pensar o corpo e sua educação a partir de parâmetros possíveis de serem planejados e cujos resultados poderiam ser medidos e comparados. De fato, a novidade mesma diz respeito a esta tentativa, ainda bastante empírica, de pensar exercícios físicos, em outras palavras, de pensar uma educação do corpo de um modo mais sistemático, deixando de lado, ou ao menos em segundo plano, as experiências de caserna. Podemos falar então de uma renovação, de um novo olhar sobre o existente e, ao mesmo tempo, sobre o novo que surge desenhado pela ciência.¹²

¹¹ Ver especialmente Alexandre Vaz (2001, p.43-60).

O corpo, portanto, começa a ser objeto de novas regras, de novos códigos, de novas práticas: técnicas de ginástica, cálculo exato dos espaços e dos tempos, e exigência mesma da medida de pequenos e grandes gestos, em outras palavras, um novo universo de gestos e de performances surge. O exercício físico transforma-se em uma atividade precisamente codificada cujos movimentos se apresentam em detalhes e os resultados se calculam. (VIGARELLO e HOLT, 2004) As performances corporais, portanto, podem ser confrontadas e apresentadas como resultado de programas planejados de exercícios físicos. Do mesmo modo, começa a surgir também uma compreensão a respeito dos efeitos do exercício físico sobre a forma corporal, evidentemente entre aqueles que disponham de tempo para tal luxo! Uma silhueta esbelta, um corpo longilíneo começam a ganhar espaço e tornar-se modelares. É a vida na cidade, a vida urbana com seus muitos estímulos e seus espaços sempre mais exíguos que auxilia na composição deste novo modelo de corpo. Modelo composto também pela máquina, também pelos seus ritmos, ou melhor, pela velocidade do mundo moderno.

Um corpo novo, ou melhor, um corpo adaptado a novas exigências, um corpo que necessita aprender gestos totalmente novos, uma maneira de viver e de comportar-se que conserva ainda o tempo lento da tradição, da festa e o tempo novo e veloz da fábrica moderna e de todo seu ideário.

É assim que um trabalho totalmente novo começa a surgir na Europa, nos ginásios que são inaugurados em Londres, Paris, Berna ou Berlim. Nesses estabelecimentos, “[...] constatações aparentemente sumárias, mas decisivas, permitem, pela primeira vez, a apreciação não somente de performances, mas de capacidades corporais segundo unidades de medida universalmente comparáveis” (VIGARELLO, 2004, p.323, vol.2).

O eixo central desta nova visão do corpo e dos gestos é, portanto, aquele da eficácia medida, traduzida pelas forças musculares, pelas velocidades e regularidades. É a ginástica que vai sistematizar estas possibilidades, uma vez que ela se instrumentaliza

[...] para multiplicar os números, ela se agencia muito rapidamente para os transformar em performances e melhorar os índices: o corpo deve produzir resultados

¹² Ver a respeito Georges Vigarello (2003).

precisos, escalonados entre si, figuráveis no rigor de uma tabela. De onde esta possibilidade totalmente nova de transpor cada performance sobre uma escala abstrata, aquela de conduzir, a partir dela mesma, a intermináveis comparações (idem, p.325, vol.2).

A ginástica¹³ no século XIX, uma prática corporal, portanto, construiu-se a partir de um jogo de poder/saber que vai tentar impor-se em meio a tradições e diversidade de formas de movimentar-se, para afirmar-se como verdadeira e, sobretudo, científica, dando visibilidade a uma imagem de corpo forte e útil, porém, distinto do corpo do comediante, do corpo do circo, do atleta de feira. É interessante observar que as práticas corporais, em sua história recente, sempre têm a utilidade das ações como pressuposto de sua prática e pouco estão voltadas ao entretenimento; este, aliás, é por vezes explicitamente condenado, como se verá, a seguir, no exemplo aqui tratado. A novidade do esporte é que ele, diferentemente da ginástica, vai propor o prazer, a excitação, a vertigem. (VIGARELLO, 2002) É evidente que o corpo trabalhado pelo exercício físico sistematizado pela ginástica não é o corpo do esporte, mas, mesmo que parcialmente, ela já o desenha.

Voltada para o conjunto das populações urbanas, a ginástica que surge no século XIX, em diferentes países europeus, e que tem grande influência na constituição das práticas corporais no Brasil, começa a ter um lugar garantido na opinião pública, uma vez que é explicada com base em preceitos científicos. Assim, aparece despida de suas fontes principais, sempre escondidas, do mundo do circo, da gestualidade característica de acrobatas e de todos aqueles que possuíam o corpo como espetáculo. Em seu discurso e prática, alarga-se o temor ao imprevisível que o circo aparentemente apresenta com seus artistas de arena em suspensões constantes, em gestos impossíveis e antinaturais, na mutação constante destes corpos velozes que representam uma ameaça ao mundo de fixidez que se desejava afirmar. A atividade física fora do mundo do trabalho devia ser útil a este mesmo trabalho.

As imagens que evocam liberdade, alegria, prazer e encanto, trazidas pelo acrobata, por exemplo, deveriam ser redesenhadas no imaginário popular. Em seu lugar, e a partir daquele universo gestual reconstruído pela ciência,

¹³ Desenvolvo mais amplamente a discussão em torno da ginástica como uma forma específica de educação em Carmen Soares (2001).



nasceriam as “séries de exercícios físicos” pensados exclusivamente em função do bom desempenho de grupos musculares e do aprimoramento de funções orgânicas, em outras palavras, da melhoria de uma performance. Estas séries de exercícios deveriam ser aplicadas por um profissional especializado e com finalidades bem definidas, específicas, úteis e, sobretudo, não como mero entretenimento, divertimento.

A ginástica apresentava-se então como técnica capaz de ensinar o indivíduo a adquirir forças, armazenar e economizar energias humanas, colocando-se como o contrário do circo, do espetáculo de rua, lugares nos quais se julgava haver o uso desmedido de forças, um gasto inútil de energia. Nos escritos sobre a ginástica no século XIX, encontram-se, de modo sistemático, a negação e a recusa de elementos próprios deste mundo de encantos em que o corpo como espetáculo ocupa lugar central.

Embora negue sistematicamente, a ginástica científica tomou como base os saberes e as práticas populares tradicionais de artistas de rua, de acrobatas, daqueles que apresentavam o corpo como espetáculo. Seus aparelhos de demonstração e suas acrobacias foram literalmente copiados. E é deste conjunto de saberes e práticas que a ginástica científica retira seu conteúdo básico, transformando-o pela ótica da utilidade, da economia de energia, da moral e da higiene, reafirmando sempre que o seu propósito não é entreter, nem divertir por meio de demonstrações e usos de força física e, muito menos, fazer do exercício um mero e frívolo prazer.

Pode-se afirmar que a ginástica cria uma paixão pela cultura do corpo e sua aplicação, e embora possua fortes vínculos militares, transforma-se num verdadeiro modelo de aprendizagem coletiva do exercício. Revela uma estética que pode ser traduzida pela retidão dos corpos e pela utilidade de suas ações. O corpo é entendido como conjunto de forças capaz de pôr em movimento determinações precisas, conter e reprimir desejos, preservar energia.

A ginástica vai ensinar as distâncias, os alinhamentos, a consciência do corpo no espaço, como se colocar e se manter ereto, como prestar atenção a esta postura de retidão. O reconhecimento de sua competência para educar os corpos é dado pela explícita tutela que recebe, de um lado, do Exército, pela utilização de certas técnicas e, de outro, da Instituição Médica, de quem recebe a autoridade de seu saber.

Em sua elaboração como um modelo de intervenção no corpo, como

uma *pedagogia*, a ginástica privilegiou um conhecimento científico localizado, sobretudo, na anatomia, fisiologia, higiene, mecânica, fazendo alguma *alusão* à música e ao canto para pensar as possibilidades do corpo em movimento. Ciência e técnica parecem sempre ter comparecido para afirmá-la como instrumento de aquisição de saúde, de formação estética e de treinamento do soldado. Comparecem, sobretudo, para revelar a ginástica como protagonista do que é racional, experimentado e explicado. E é dentro destes parâmetros que esta prática busca uma reorganização dos gestos, partindo de uma visão extremamente técnica do corpo. É a ginástica e suas proposições que vão também, neste momento, fazer *alusão* e comprovar a relação existente entre quantidade de trabalho corporal e, por exemplo, tipo de alimentação; quais alimentos são mais bem absorvidos; se a quantidade de carne ou de trigo ou de legumes pode melhorar uma performance. Ou seja, um mundo energético surge e o corpo é pressentido como uma máquina de energia, em que há um cálculo das forças produzidas, da velocidade dos tempos, da distinção das performances. O tema da eficácia é mesmo aquele que se aprofunda, e a ginástica inventa gestos, recompõe exercícios e encadeamentos, cria particularidades e novas hierarquias de movimentos, trazendo à cena a idéia de se partir de exercícios mais simples para aqueles mais complexos. Num certo sentido ela, de fato, reinventa séries e progressões. VIGARELLO (2004) vai afirmar que, no princípio do século XIX, “(...) o trabalho mecânico começa a prevalecer sobre o trabalho hábil. A física sobre a destreza; a medida sobre a sagacidade. O conjunto dos registros corporais oscila, favorecendo os movimentos geométricos, claramente orquestrados, rigorosamente medidos e precisos”.

AINDA SOBRE A PERFORMANCE...

As propostas contemporâneas de ginástica de academia e esporte de alto rendimento não seriam herdeiras diretas deste pensamento científico que esquadrinhou a gestualidade, tornando-a um objeto científico passível de infundáveis intervenções? Como as práticas corporais são explicadas e indicadas nos dias de hoje? Há uma discussão aberta, por exemplo, sobre os problemas causados pelo *vício do exercício*, ou seja, a prática obsessiva de algum tipo de atividade física que leva o indivíduo a apresentar lesões graves em seu corpo,

já que, compulsivamente, pratica mais vezes e em quantidades maiores as séries de exercícios ou de quilômetros percorridos, piscinas atravessadas etc? É recente a classificação médica de *vício do exercício* como um problema a ser equacionado, dada a positividade implícita que se acredita existir na prática de alguma atividade física.

Não dá para esquecer as alusões à máquina que sempre surgem quando se fala do corpo em movimento, pelo menos nos últimos duzentos anos: o corpo como *máquina a vapor*, como *relógio*, como *máquina química* são metáforas que têm permitido uma certa literalização do seu uso na atividade física, inclusive pensando que as suas partes, assim como as peças de uma máquina, podem perfeitamente ser substituídas, reparadas, para garantir o bom funcionamento da “máquina”, para garantir uma boa performance e uma aparência juvenil.

O “prazer” de movimentar-se dentro da lógica de uma performance máxima também está mergulhado em um outro problema que merece atenção. Trata-se do uso de diferentes anabólicos, os “elixires milagrosos” que “aceleram” a tão almejada performance corporal, a imagem de juventude.¹⁴

Segundo o jornal *Folha de S. Paulo* de 28/01/2001, em matéria assinada pelo jornalista Roberto Oliveira, o hormônio do crescimento GH foi considerado a “droga do verão” em academias de São Paulo, em 2001. O GH, hormônio responsável pelo crescimento humano e produzido naturalmente pela glândula hipófise, atinge o seu auge na idade entre 13 e 18 anos e começa a declinar entre os 25 e 30 anos. Há cerca de 35 anos começou a ser usado em crianças com problemas de nanismo e, nessa época, era retirado da hipófise de cadáveres humanos ou de vacas. Na última década, começou a ser produzido sinteticamente e passou a ser chamado de hGH, deixando os consultórios médicos e conquistando adeptos entre adultos interessados em obter resultados estéticos imediatos, quando acompanhado de exercícios físicos e dieta balanceada. Quais são esses resultados? Redução de gordura, aumento da massa muscular, sensação de bem-estar. Os prejuízos que pode causar são inúmeros: risco de desenvolver diabetes resistente à insulina, acromegalia, que é o risco de ter um crescimento desproporcional das extremidades ósseas, como os dedos das mãos, pés e queixo, inflamação e dores crônicas nas mãos, câncer de fígado.

¹⁴ Ver especialmente Alex Branco Fraga (2001, p. 61-77).

Ocorre que em nossa sociedade ocidental há uma crença generalizada e uma educação massificada que nos fazem crer que os processos de passagem das idades devem ser ocultados e as experiências das transformações do corpo substituídas pelas sensações causadas pelos milagrosos elixires da juventude, não importando muito as conseqüências nem os riscos decorrentes de seu uso indiscriminado, desde que se conquiste o último corpo da moda. “Tudo se passa como se, em nossos dias, as transformações do corpo estivessem mais na moda do que nunca, enquanto os limites do que é certo e errado, falso e verdadeiro, natural e artificial tivessem sido completamente relativizados” (SANT’ANNA, 2001).

Talvez por tudo isto, reflexões em torno de nossas atitudes em relação às práticas corporais sejam importantes, antes de aderir ingênua ou cegamente aos apelos midiáticos do “mexa-se”, “movimente-se” pautados pelo cronômetro, pela velocidade, pela busca de uma performance para caminhar mais rápido, fazer mais abdominais, peitorais, dorsais..., nadar mais estilos em menos tempo, fazer mais “piscinas”, diminuir o peso corporal mesmo quando a pessoa se sente muito bem e apenas por que está fora dos padrões de peso, estatura e estética ocidentais que se querem universais. (SILVA, op.cit.).

Afirmar a positividade e o prazer do corpo em movimento talvez nos leve à reflexão de nossas ações cotidianas e a mudanças na percepção de gestos bastante singelos como caminhar para observar paisagens, preocupar-nos menos com o número de voltas que damos nos parques e mais com as pessoas, as flores e folhas que encontramos, com o canto dos passarinhos, com a luz do sol e o brilho que causa quando se projeta sobre a paisagem; sentir mais as diferenças de temperatura do ar batendo em nosso rosto, a carícia do vento, do que os segundos levados para percorrer uma determinada distância; subir montanhas para olhar o horizonte, a vegetação, ouvir os sons do próprio silêncio que estes lugares propiciam. Mergulhar em águas não apenas para vencer o cronômetro, mas para experimentar os movimentos do corpo num meio líquido que não precisa ser retangular, nem “semi-olímpico” para propiciar as experiências de deslizar sobre a água, uma experiência humana muito antiga, encontrada inclusive em pinturas rupestres em diferentes partes do mundo, portanto, uma movimentação humana, prazerosa e, ao mesmo tempo, utilitária em épocas remotas e anteriores aos “estilos” de natação e à imposição dos cronômetros. Talvez caminhar mais, subir mais escadas, andar a pé, dançar e,



evidentemente, praticar algum esporte, freqüentar alguma academia, mas, atento para não embarcar ingenuamente na cultura da performance e da competição desenfreada em nome da manutenção da saúde, idéias inseridas na cultura de movimento domesticada pelo esporte de alto rendimento.

Certamente o esporte, em suas origens, encarnou novidade e renovação em relação ao corpo em movimento, em relação mesmo à cultura, uma vez que trouxe consigo uma visão calculada dos tempos e uma visão extremamente tecnicizada dos espaços, estes mesmos que hoje domesticam a cultura de movimento e que compõem o que chamamos no início deste texto de *arquitetura esportiva*.

A cultura de movimento que se impõe hoje é herdeira desse momento singular que foi o século XIX no que concerne ao corpo e à sua educação. Ela representa hoje a sensibilidade de um mundo urbano que se alarga sempre mais, um mundo onde a técnica se julga independente, sem raízes, sem conseqüências. Mas seria possível outro horizonte? Seria possível pensar mais profundamente que

(...) entre o corpo e a técnica não há sempre relações harmoniosas e de acoplamento funcional, mas, também, tensões, disputas e diferenças, nem sempre visíveis ao primeiro olhar, nem sempre historicizadas e submetidas à análise etnográfica. Por isso, lembrar das sensibilidades culturais que em cada situação possibilitam a criação ou o abandono de cada técnica esportiva é uma maneira, entre outras, de perceber que toda a sedução exercida pelo esporte tem razões muito mais complexas do que pode explicar a sua insistente publicidade internacional. (SANT'ANNA, 2000, p.13)

As práticas corporais podem, assim, ser configuradas como *pedagogias* que intervêm sobre o corpo, portanto, expressão concreta de possibilidades de sua educação. São discursos que movimentam ideais de corpo, saúde, beleza, felicidade humana e revelam segredos e desejos ocultos de indivíduos e das sociedades e culturas que as criam e destroem. Pode-se afirmar que são verdadeiros palcos em que cenas da vida são representadas, uma vez que o corpo, conforme afirma Alain Corbin (2004, p.9), “[...] é uma ficção, um conjunto de representações mentais, uma imagem inconsciente que se elabora, se dissolve, se reconstrói no fio da história do sujeito, sob a mediação de discursos sociais e sistemas simbólicos”.

E as *práticas corporais* são mediações, são discursos sociais que compõem sistemas simbólicos, são, portanto, materialidade que pode produzir outras representações sobre o corpo. Pensar que as representações de corpo, de velocidade, potência, performance não foram sempre as mesmas, que qualidades físicas não foram sempre valorizadas do mesmo modo e por uma mesma sociedade, numa mesma época, pode fornecer elementos para um olhar mais sereno, para uma atitude menos desvairada no que diz respeito ao corpo e à sua educação. Pode, portanto, permitir imaginar que a *voga do esporte*, que esta *versão muscular da vida*, que a *performance máxima*, que a *explosão da aventura* podem, em um breve espaço de tempo, não ser mais o grande foco da vida. Pensar deste modo possibilita abrir espaço para experiências de práticas corporais e de vida em sociedade que tomem como eixo a delicadeza, a lentidão, a amizade, a solidariedade, a compaixão, a alegria, o respeito a todos os seres vivos e ao planeta e, por que não, o ócio.

Referências

- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES -Centro de Educação Física e Desportos, 1997.
- CORBIN, A. (org.) **Histoire du corps: de la Révolution à la Grande Guerre**. Paris: Seuil, vol.2, 2004.
- EHRENBERG, A. **Le culte de la performance**. Paris: Calmann-Lévy, 1991.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FRAGA, A. B. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, C. L. (org.) **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 61-77.
- GLEYSE, J. **L'instrumentalisation du corps: une archéologie de la rationalization instrumentale du corps, de l'Âge classique à l'époque hypermoderne**. Paris: L'Harmattan, 1997.
- KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.
- LE BRETON, D. **Anthropologie de la douleur**. Paris: Métailié, 1995.
- SANT'ANNA, D. B. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. **Revista Motrivivência**, Florianópolis: Editora da UFSC, ano XI, n. 15, p. 13-24, ago. 2000.
- _____. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. **Corpo e história** (org.). Campinas: Autores Associados, 2001.
- SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SOARES, C. Pedagogias do corpo: o esporte, as ginásticas, a higiene. **Colóquio "Foucault, vinte anos depois"**, IFCH-UNICAMP, 2004.
- _____. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 2a. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SOARES, C. e ZARANKIN, A. Arquitetura e educação do corpo: notas indiciais. **Revista RUA**. Campinas: UNICAMP-NUDECRI, n. 10, p. 23-35, mar. 2004.

VAZ, A. Memória e progresso: sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamim. In: SOARES, C. (org). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 43-60.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. In: SOARES, C. L. **Caderno Cedex** (Corpo e Educação), ano XIX, n.48, p.89-108, ago. 1999.

VIGARELLO, G. e HOLT, R. Les corps travaillés: gymnasts et sportifs au XIXe siècle. In: CORBIN, A. **Histoire du corps**: de la Révolution à la Grande Guerre. Paris: Seuil Histoire du corps, v. 2, p. 313-375, 2004.

VIGARELLO, G. **Du jeu ancien au show sportif**: la naissance d'un mythe. Paris: Seuil, 2002.

_____. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. **Revista Brasileira de Ciências do esporte**. v. 25, n. 1, p. 9-20, set. 2003.

_____. **L'esprit sportif aujourd'hui: des valeurs en conflit**. Paris: Universalis, 2004.

ZARANKIN, A. **Paredes que domesticam**: arqueologia da arquitetura escolar capitalista; o caso de Buenos Aires. Campinas/SP: Centro de História da Arte e Arqueologia. IFCH-UNICAMP /FAPESP, 2002.



Do culto da performance à cultura da cortesia

DENISE BERNUZZI DE SANT'ANNA

A necessidade de superar a si mesmo e o ideal de performance que lhe é correlato possuem uma vasta e diversificada história cujas características se afirmam a partir da época moderna. Antes disso, e em várias culturas orientais, a superação infinita dos próprios limites não era necessariamente considerada um valor de destaque, podendo, às vezes, se confundir com algum traço de insensatez. Em diversas sociedades da Antiguidade Ocidental, por exemplo, as imagens hoje tão comuns de esportistas dedicados a superar todos os obstáculos fazia sentido apenas quando se tratava de heróis lendários, filiados a uma tradição sagrada, semi-deuses cujas vidas nada tinham de trivial. Ao mesmo tempo, o esforço para superar obstáculos – físicos ou mentais – raramente era pensado desatrelado do terreno transcendental.

De fato, a cultura da superação de todos os obstáculos e, inclusive, da eliminação de diversas fronteiras sociais, geográficas e corporais – por meio do esporte, do trabalho ou do lazer – possui uma história cuja positividade tende a ser crescente a partir da época moderna. Desde então, enquanto navegadores europeus descobriam novos povos e regiões do globo outrora desconhecidos e ausentes das catalogações baseadas nas técnicas e na ciência hegemônicas em países europeus, antigas certezas sobre os limites do universo e do corpo humano não cessavam de ser questionadas. O homem concebido doravante como "mestre e possuidor da natureza" deveria ser, também, mestre e possuidor de si mesmo, e ainda, inventor de suas atividades e de seus novos limites. É quando o ideal de superar a si mesmo torna-se um meio de garantir a

certeza da própria existência e, por conseguinte, a garantia de sua utilidade. O governo de si torna-se, nesse sentido, uma maneira de comprovar a capacidade de governar os outros. É quando, também, para as camadas da elite, o corpo se transforma em ostensório do poderio humano sobre a natureza: superar a si mesmo implica, sobretudo, ultrapassar os resquícios de natureza indomável em cada corpo, os traços humanos julgados perigosamente próximos do animalesco. Superação de si que não poderia ocorrer, portanto, sem a necessidade de eliminar os obstáculos que supostamente constroem as certezas de que o homem – e, em particular, o homem branco ocidental – teria sido criado para reinar sobre os demais seres.

No entanto, a necessidade de superar a si mesmo não implicava ainda uma busca incessante de progresso, tal como ocorreria nos séculos XVIII e XIX. Foi preciso esperar o desenvolvimento do mundo industrial e metropolitano, juntamente com inúmeros progressos das ciências e das artes industriais, para que o ideal de performance física e mental pudesse aparecer como sendo constituinte de um progresso individual rumo ao infinito. A partir deste espírito, já em meados do século XVIII, a expressão “educação física” seria introduzida em diversas pesquisas e, em particular, por Jaques Ballexserd, em 1762. Juntamente com um novo interesse pela infância, a educação de modo geral passou a ser um meio de fortalecer o espírito democrático emergente. De onde resultaria, igualmente, a idéia de que cada um, dependendo dos meios e esforços despendidos, poderia progredir.

Ora, no século seguinte, época de fascínio pelas estratégias criadas para medir os diversos progressos na escola e na fábrica (assim como os possíveis fracassos), o ideal de performance se tornaria uma espécie de meio para se reinventar a si mesmo, infinitamente. Conjugado à noção de “sem limites” e acoplado aos postulados de progresso infinito, o ideal de performance serviria progressivamente para criar aquilo que Yves Vargas (1992, p.96) chamou de “homem-mais”. Paralelamente à mais-valia no trabalho, fomenta-se, desde então, a necessidade do próprio homem ser uma mais-valia ambulante em todos os setores e atividades cotidianas: nas relações amorosas, no lazer, no esporte, na política etc.

Todavia, para que este homem seja sempre “mais” se faz necessário, também, que ele seja concebido como um “experimento” permanentemente incompleto, altamente flexível, móvel e adaptável. Com o advento do século

XX, esse "homem-mais", experimento ambulante, cotidianamente reinventado pela tecnociência e pela produção industrial de massa, passa a ocupar o centro do ideal de performance reinventado pela indústria publicitária. Construído ao longo de uma história rapidamente mencionada acima, este ideal não tardaria, portanto, a se misturar aos pressupostos da terapêutica: não por acaso, inúmeros produtos destinados a melhorar a performance física de cada um tornam-se também remédios contra vários tipos de doenças físicas e psíquicas. Conseqüentemente, as fronteiras entre alimento, remédio, estimulante ou anti-depressivo tendem a se tornar tênues, até mesmo desnecessárias, transformando o ideal de performance uma questão ao mesmo tempo de estética, dietética e da psicologia.

Além disso, na medida em que a cultura de massas é incorporada à realidade de diferentes regiões do planeta, a busca por superação física e mental tende a ser banalizada, passando a ter numerosas utilidades, adereços, emblemas e espaços publicitários. Ela se expande rapidamente, dos estádios para as escolas e empresas, atingindo empresários e pacatas donas-de-casa. Adquire perfis para todos os gostos e idades, figurando no cotidiano de milhares de pessoas como uma necessidade básica, natural e inquestionável. Contamina as técnicas e espaços dedicados ao que seria o seu oposto, tais como, algumas terapias de relaxamento e diversão, os conselhos referentes à auto-ajuda, o contato com a natureza e as relações entre amigos. Ou seja, mesmo quando se trata de desacelerar o ritmo da produção cotidiana pode-se ainda funcionar no registro da aceleração performática, cobrando do corpo um "relaxamento rápido", esperando da mente um contentamento imediato e instantâneo, e promovendo para si mesmo uma espécie de anti-performance performática!

Diante de confusões dessa natureza, talvez seja interessante relembrar práticas de outros tempos, constituídas por temporalidades que em nada combinam com a aceleração presente das performances valorizadas pela publicidade atual.

CORTESIA

Entre tais práticas, destaca-se a cortesia. Talvez o propósito principal dos grandes cortesãos renascentistas, por exemplo, não fosse o de "fazer a corte" para se distinguir socialmente.¹ Provavelmente, a cortesia era apenas o meio e o resultado do que lhes parecia ser o ponto essencial da vida.

Diante de algumas atividades narradas por cortesãos renascentistas, tem-se a impressão de que verdadeiras performances físicas e espirituais lhes eram necessárias para conquistar a atenção de outrem. No entanto, fazer a corte era um gesto exigente, necessitava ser acompanhado por uma atenção disciplinada, insistente, aguda e nem sempre performática; um gesto repleto de zelos, volteios, rodeios, mas, ao mesmo tempo, isento de desespero ou de robustas esperanças. Havia metas específicas, limitadas, que se sucediam ao longo do tempo, em pequenas doses. Nem todos as cumpriam. Nem todos eram bons cortesãos. Os melhores provavelmente souberam claramente o quanto a cortesia demandava uma percepção pragmática das coisas e dos seres.

Em nossos dias, a palavra cortesia pode adquirir o aspecto de um broche inatual, um detalhe superficial ou exótico, algo que pouca relação teria com o poder dos homens e a ética dos seres vivos. Mas talvez fosse o caso de suspender tal impressão e examinar com alguma objetividade as práticas de sociabilidade existentes em nosso cotidiano e nelas reconhecer os perfis da cortesia e da grosseria, o potencial da primeira em fomentar vínculos sociais variados. Afinal, é bem provável que a cortesia funcione, hoje, sob novos critérios, a partir de medidas e princípios muito distintos daqueles da época renascentista. Mas é provável, igualmente, que o gesto cortês ainda exista e seja capaz, tal como no passado, de ultrapassar o risco de sombrear unicamente na inutilidade, de se tornar, ele mesmo, uma exigência incontestável das condutas de homens e mulheres comuns.

Mas por qual motivo defender a tal ponto o exercício da cortesia? A razão principal não é outra senão essa: o gesto cortês possui, em geral, algo de corrosivo em relação à grosseria que pode se desenvolver em diversos momentos da vida, dentro e fora das atividades performáticas. Para exercer alguma cortesia é preciso, em primeiro lugar, gastar um certo tempo, prestando

¹ A este respeito ver CASTIGLIONE (1991).

atenção no que nos rodeia, nos seres e coisas do mundo, conhecidos e desconhecidos. Prestar atenção, a expressão já é bastante instrutiva, implica uma boa dose de *préstimo*: é preciso ser prestimoso – o que não é o mesmo que ser caprichoso – para que a atenção funcione intensamente. Caso contrário, diante de qualquer "brisa", ela balança e perde o foco. Sabe-se disto quando se é criança: prestar atenção é prestar-se a algo que é externo a si mesmo, que ultrapassa o próprio corpo. É, portanto, uma experiência de ver o mundo fora de si, de atentar para além do que se acomodou a perceber todos os dias.

Desse modo, fora dos limites das antigas cortes, para além do luxo ou do fausto, a cortesia exige uma progressiva escola da atenção, algo em grande medida semelhante à experiência da paixão: conforme escreveu Gilles Deleuze (1987), ao analisar textos de Marcel Proust, o apaixonado torna-se obcecado pelo objeto amado e, por conseguinte, ele vive para saber mais e mais a seu respeito: tudo no amado lhe interessa, todos os seus gestos devem ser observados, decifrados, conhecidos. Para exercer a cortesia é necessária também uma certa dose de paixão pelos que receberão tal dádiva. Contudo, menos do que os arroubos do apaixonado e mais do que simplesmente o ato de ser polido, a cortesia pode se tornar um modo de se aproximar do outro sem machucá-lo, sem ofuscar o brilho alheio, e, ainda, sem ferir toda e qualquer "outridade".

ATENÇÃO

O eixo estruturador de tal cortesia é tocado por meio de questões como estas: como e até onde se aproximar do outro? Quando a distância é algo frio ou quente? Quando a aproximação vira invasão e a distância se torna indiferença ou exclusão? Quando a informalidade vira uma camisa-de-força e a formalidade uma pseudocortesia sem alma? Dependendo da situação, apenas à distância é possível perceber o que está ocorrendo. Dependendo da situação, somente ficando próximo é desejável acalentar alguma amizade. As decisões sobre as tomadas de distância e de proximidade têm, portanto, isso em comum: elas sempre dependem de algo e, por conseguinte, não seria muito aconselhável formular normas universais a seu respeito. Elas não possuem idéias pré-concebidas e dependem sempre das configurações desenhadas em cada circunstância.

Por isso, o exercício da atenção é fundamental. A cortesia, o préstimo e o estabelecimento de relações simetricamente positivas entre os seres, ou entre os seres e as coisas, dependem em grande medida desse exercício: estar atento, manter-se cioso da importância do que se passa em cada instante. Mas também é preciso uma certa dose de cortesia para consigo: pois não se trata de considerar a atenção simplesmente o sinônimo de concentração para o domínio do outro. A atenção é um ato ao mesmo tempo físico, mental, individual e aberto ao coletivo. Ela é principalmente um gesto voltado a cavar intervalos de duração entre o que foi e o que virá, entre o que nos é perguntado e o que será respondido.

A dificuldade principal em exercer a atenção está no fato de que uma série de estímulos diários nos convidam sedutoramente a realizar justamente o seu contrário: a desatenção. Especialmente a partir do final do século XIX e, sobretudo, em meio ao desenvolvimento das sociedades de entretenimento de massa, permanecer desatento tende a ser sinônimo de fruição prazerosa, descanso, relaxamento da mente e do corpo. Os estereótipos não são poucos a este respeito. Em certas situações, a desatenção costuma ser apresentada pelo *marketing* contemporâneo como algo repleto de charmes, enquanto que a atenção parece coibida por imagens de disciplinas excessivamente rígidas, desnecessárias. Estar desatento pode ser, ainda, um meio utilizado para escapar do que não se quer ver e ouvir de modo violento. A imagem do homem que desatentamente vive sendo transportado de um lugar a outro, parece ser tão reconfortante quanto perigosa. A desatenção é um parente próximo da indiferença. A atenção serve, entre outros, para discernir as diferenças.

GESTOS CHEIOS DE GRAÇA

Mas de nada adiantaria tomar tudo o que foi mencionado acima para si mesmo, como se se tratasse de alguma jóia ou prescrição inovadora, ou ainda de um inusitado alimento para saciar a sede de se destacar em meio às performances banais do cotidiano. Pois um dos ingredientes principais da atenção e da cortesia é o espírito da gratuidade e do humor, melhor dizendo, da graça, no amplo sentido deste termo². Graça que certamente emerge desti-

² Além do riso, segundo o dicionário Aurélio, a expressão evoca: benevolência, dádiva, beleza, elegância, ação gratuita, sem razão e sem motivo.

tuída de esperanças. Sem graça e apenas com esperança a cortesia mingua e a atenção perde a motivação: vira uma força desgraciosa e cara.

Interessante notar o quanto determinadas atividades de lazer e de esporte podem, em certos momentos, desencadear a graça, abrir espaço para experiências que, no lugar de simplesmente desafiar os limites de cada um, desafinam um pouquinho em relação a seus perfis e provocam risos e uma espécie de relaxamento muscular, de parada no tempo e no espaço, ou até mesmo uma vontade de rodar a cabeça em direções diversas, chacoalhar o corpo, cair no chão voluntariamente, tocar em alguém ou trocar caretas imprevisíveis com quem nos rodeia. Há, nesses momentos, como que um desafio gratuito e sem esperança que em si mesmo pode não significar nada de palpável. Um pequeno momento que talvez possa funcionar como um outro meio de afinar o corpo com o espaço e com os demais seres que o rodeiam.

Sabe-se o quanto o riso esquentava o corpo e as relações sociais, e o quanto é preciso uma atenção afiada sobre os outros para poder rir sem desprezo, ironia ou ressentimento. Portanto, o desafinar aqui mencionado não significa uma escapada, uma fuga, alguma transgressão. Trata-se muito mais de abrir espaço para paisagens ou expressões humanas até então impensadas, mas que uma vez colocadas em cena tornam-se extremamente afiadas com o conjunto de todas as atividades em desenvolvimento.

Um exemplo banal e ao mesmo tempo bastante preciso sobre o que acabou de ser escrito está na realização dos repentes por inúmeros poetas e músicos do Brasil. Neles, o inusitado faz rima com o conjunto das frases, mesmo quando o improviso surpreende letra e música. Nesse caso, o riso ou a criação do improviso de um cantor existe, sobretudo, para provocar a invenção do riso e das idéias do outro. Diferente de inúmeras performances devotadas unicamente a aumentar o capital do que se tem, um repente cantado, por exemplo, tende a ser uma peleja que inclui diferentes personagens e situações numa mesma melodia, mencionando suas discrepâncias sociais e individuais dentro de um enredo cuja motivação principal é justamente a de continuar a cantar. Inseridos numa cultura de grandes pelejas diárias para conseguir manter a sobrevivência própria e a de seus familiares, diversos músicos foram, ao longo dos anos, resistindo como puderam à corrosão desta motivação: cantar. Talvez, alguns deles, tiveram que ser bastante performáticos em outros momentos da vida para garantir que, durante alguns minutos,

pu dessem cantar e viver a pejeja repentista com graça e arte.

Entre a performance e a pejeja (entre a repetição do "sempre mais" e a irrupção do repente), as preferências ou aversões não estariam no fato da primeira assemelhar-se a alguma voga importada dos Estados Unidos, enquanto que a segunda lembra culturas supostamente folclóricas do nordeste brasileiro. Mesmo porque, nada garante que no auge de uma obstinada performance, um espaço impensado para um certo tipo de repente seja aberto. Há circunstâncias em que as performances se enroscam em pejejas semelhantes a repentes musicais, umas contaminam as outras, e vice-versa. Em muitas situações, dentro e fora do terreno musical, a idéia de performance acaba mudando radicalmente seu modo de funcionar, às vezes por acaso, noutras, graças à intervenção de alguém ou de algum acontecimento previsto. Então, a performance acaba se tornando uma espécie de pejeja semelhante aos repentes musicais de antigos cantadores. E, em outros casos, as pejejas e os repentes ingressam em performances amplamente sedutoras, mas que deixam de ter a música da vida como motivação principal.

Por todas essas possibilidades, mais uma vez, é preciso observar cada situação em curso, com atenção, disciplina, cortesia e graça. E ainda, observar tudo isto sem nenhuma garantia de que se vai adquirir alguma coisa "a mais", ou de que será possível curar algum sofrimento. Assim, como muitos cantam pelo prazer de cantar, pode-se ser atento, cortês e gracioso motivado unicamente pelo gosto de ser atento, cortês e gracioso. Difícil? Muito. Sobretudo pelo fato de que, numa experiência como esta, tudo, absolutamente tudo, não visa o progresso nem teme algum regresso. Tal como aquele momento acima descrito, de um intervalo aberto para rir sem ironia ou sarcasmo, trata-se aqui de nada esperar. Quando nada é esperado, tudo, enfim, pode ser acolhido tal como é. Sem esperanças, o presente ganha densidade e presença. Sem esperanças, o improvisado pode brotar sem risco: uma vida feita de repentes – como se ela aparecesse diante de nós de repente – desacompanhada de toda e qualquer esperança, desconserta o que se ajeitou apressadamente e com muito medo. Pejeja sem esperança. Isto é, no mínimo, de uma extrema graça.

Referências

CASTIGLIONE, B. **Le livre du courtisan**. Paris: Garnier-Flammarion, 1991.

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

VARGAS, Y. **Sur le sport**. Paris: PUF, 1992.





Capoeira e projeto histórico

CELI NELZA ZULKE TAFFAREL

Os berimbaus, caxixis, atabaques soaram. O toque foi dado entre os dias 12 e 14 de novembro de 2004. Ocorreu em Florianópolis o VI Simpósio Nacional Universitário de Capoeira (VI SNUC) onde a ginga, a discussão e a reflexão coletiva sobre a cultura afro-brasileira estiveram presentes. O objetivo, plenamente atingido, foi “promover o intercâmbio entre capoeiras, estudiosos e simpatizantes, no sentido de contribuir com o processo de veiculação e socialização do conhecimento produzido em relação às manifestações da cultura afro-brasileira, especialmente a capoeira, o maculelê e o samba de roda”. Esse evento, já tradicional, representa o principal simpósio universitário de capoeira no Brasil.

Para contribuir com a reflexão da temática proposta neste ano, “Capoeira a Serviço do Social ou do Capital?”, discuti o tema “Capoeira e Projeto Histórico”, expondo dados da realidade sobre a destruição das forças produtivas, enquanto tendência do modo do capital organizar a vida e suas expressões na capoeiragem. Levantei a tese de que a capoeira está em franca degeneração e decomposição de seus valores genuínos – capoeira patrimônio da humanidade – quando subsumida ao modo do capital de produzir mercadorias usadas e trocadas em relações capitalísticas. Demonstrei que as abordagens da questão da capoeira centradas na ética, na ciência, na educação, na compreensão de cultura popular e na normatização/monitorização reguladas pelo mercado e/ou pelo Estado, são limitadas quando desprovidas da referência de um projeto histórico explícito, superador do modo do capital organizar a produção – uso e troca de mercadorias e bens, sejam eles materiais ou não.

Expus elementos acerca da teoria pedagógica, teoria do conhecimento e abordagens epistemológicas presentes na capoeiragem, questionando a contribuição de certas práticas para a alienação dos praticantes e a mitificação e ideologização da capoeira. Expus argumentações sobre a necessidade histórica de uma abordagem revolucionária sintonizada e identificada com a possibilidade concreta de construção de uma outra cultura, construção esta que depende do desenvolvimento das forças produtivas. Expus, também, que, para a superação da pseudoconcreticidade e da alienação humana, a teoria do conhecimento e a teoria pedagógica não estão predominantemente presentes na produção e no trabalho pedagógico para dar base às ações vitais, para a coordenação intelectual e moral da educação dos trabalhadores e a construção do projeto histórico socialista.

ANUNCIANDO O PROBLEMA, AS HIPÓTESES E O MÉTODO

O problema aqui delimitado diz respeito à capoeira e sua inserção na etapa atual do desenvolvimento do complexo econômico do modelo capitalista de organizar a vida na sociedade e, ainda, às possibilidades históricas da práxis capoeirana contribuir na construção de uma outra cultura, a cultura socialista. A pergunta científica que formulo é a seguinte: qual é a realidade, quais as contradições e as possibilidades da práxis capoeirana na construção de uma outra cultura, considerando suas argumentações éticas, o processo ensino-aprendizagem da capoeira, a produção do conhecimento, a formação de mestres e professores e as políticas públicas, inseridas em um complexo econômico capitalista em que prevalece a ação do capital especulativo, parasitário, empresarial, estatal e a economia popular solidária ou não? Levanto inicialmente a hipótese de que a temática delimitada exige a consideração de dados sobre economia política – sobre as formações econômicas, divisão social do trabalho e as formas de propriedade –, sem o que não se compreendem as relações estabelecidas no âmbito da cultura e o processo atual de destruição, decomposição e degeneração da capoeira, no contexto da destruição acelerada das forças produtivas – trabalho, trabalhador, meio-ambiente, cultura. O que sustenta tal hipótese são argumentos e dados históricos comprováveis pelos fatos. Em formulações anteriores, Friedrich Engels (s/d), com base em estu-

dos também de Karl Marx, já defendeu a tese de que

a produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com ela a divisão social dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz e pelo modo de trocar os seus produtos. De conformidade com isso, as causas profundas de todas as transformações sociais e de todas as revoluções políticas não devem ser procuradas nas cabeças dos homens, nem na idéia que eles façam da verdade eterna ou da eterna justiça, mas nas transformações operadas no modo de produção e de troca; devem ser procuradas não na filosofia, mas na economia da época de que se trata. Quando nasce nos homens a consciência de que as instituições sociais vigentes são irracionais e injustas, de que a razão se converteu em insensatez e a bênção em praga, isso não é mais que um indício de que nos métodos de produção e nas formas de distribuição produziram silenciosamente transformações com as quais já não concorda a ordem social, talhada segundo o padrão de condições econômicas anteriores. E assim já está dito que nas novas relações de produção têm forçosamente que conter-se — mais ou menos desenvolvidos — os meios necessários para pôr fim aos males descobertos. E esses meios não devem ser tirados da cabeça de ninguém, mas a cabeça é que tem de descobri-los nos fatos materiais da produção, tal e qual a realidade os oferece.

Para sustentar a hipótese de que o ponto de partida deve ser a economia política, reconheço que a capoeira é um bem cultural produzido socialmente, acumulado, transmitido e praticado historicamente em dadas relações de produção da vida. Portanto, para entendermos com radicalidade o momento atual do desenvolvimento da capoeira é preciso partir do grau de desenvolvimento das forças produtivas, lembrando que o homem faz a sua história, mas não somente como ele quer, mas sim, conforme o grau de desenvolvimento das forças produtivas e o legado deixado pelos que nos antecederam.

As forças produtivas são a base de toda a história. Entendê-las é entender com radicalidade o que produzem e em quais sistemas de relações sociais se concretizam. É, portanto, da compreensão que se tem sobre a evolução histórica do trabalho humano que vamos entender a história global da sociedade. A comprovação de tudo deve ser procurada, portanto, na própria história, comprovada pelos fatos. O fato é que vivemos em um complexo econômico que traz em si o capital especulativo, empresarial, estatal e a economia popular, solidária ou não. Neste complexo buscamos entender a capoeiragem, ou

seja, a práxis capoeirana.

A segunda hipótese que levanto é a da destruição das forças produtivas – trabalho, trabalhador, meio-ambiente, cultura – dentro do que se localiza a destruição, degeneração, decomposição da capoeira, enquanto uma produção social, historicamente acumulada e, contraditoriamente, a possibilidade da construção da outra cultura, o que exige análise rigorosa da teoria pedagógica, teoria do conhecimento e projeto histórico aos quais as práticas estão articuladas.

A terceira hipótese que levanto é que a maioria dos estudos sobre capoeira faz referência à cultura, a valores, a ética em uma sociedade contraditória e altamente alienada, com uma cultura dominada, violenta, recorrência esta que necessita ser questionada porque desarticulada do projeto histórico alternativo ao modelo do capital.

A quarta hipótese é de que uma outra cultura capoeirana, uma genuína práxis capoeirana, exige sintonia com um novo projeto histórico e será reconhecida na organização do trabalho pedagógico de construção da cultura, com nexos e implicações em uma dada teoria do conhecimento e teoria pedagógica e em um projeto histórico superador do projeto capitalista. Isto significa que temos que apreender os elementos mediadores que consolidam tais teorias na prática, no trabalho pedagógico, estudando o ensino e a aprendizagem nas rodas de capoeira, a formação de mestres, professores, doutores e as políticas públicas que atingem o mundo da capoeira e que vão desde as políticas educacionais, culturais, a assistência, a previdência, a saúde, entre outras. Ressalto que a teoria pedagógica faz parte de uma teoria social e de uma política cultural e não pode abandonar a compreensão dos determinantes estruturais, políticos e ideológicos que condicionam a existência humana e os processos de nossa constituição como humanos.

Para ampliar a abordagem científica, por fim, lanço mão de contribuições do campo da expressão artística que tratam da problemática da destruição das forças produtivas. Da literatura destaco o autor português José Saramago, principalmente seu livro “Ensaio sobre a cegueira”, e do cinema lanço mão das contribuições do humanista japonês Akira Kurosawa e dentro de sua obra destaco o filme “Dersu Uzala”. O português recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1998 e o japonês, que no mesmo ano de 1998 morreu, deixou para o século XXI um dos importantes legados do século XX na

arte cinematográfica oriental. Nessas obras encontro reflexões profundas sobre a relação do homem com os outros homens (práxis) e com a natureza (*poésis*) e o questionamento sobre o que sobreviverá.

Segundo ENGELS (s/d, p.19)

Quando nos detemos a pensar sobre a natureza, ou sobre a história humana, ou sobre a nossa própria atividade espiritual, deparamo-nos, em primeiro plano, com a imagem de uma trama infinita de concatenações e influências recíprocas, em que nada permanece o que era, nem como e onde era, mas tudo se move e se transforma, nasce e morre.

A isto está sujeita a capoeira, enquanto bem imaterial, práxis, conhecimento, profissão, formação, mercadoria.

Portanto, o tema “Capoeira a serviço do social ou do capital?” deve ser situado no interior das denúncias formuladas pelas organizações de trabalhadores sobre a acentuação da tendência à destruição das forças produtivas – natureza, homem, relações de produção. Para os trabalhadores dos grandes centros como Europa e dos Estados Unidos as questões detonadoras das reações contra o capitalismo são as questões do desemprego estrutural, a ecologia, os direitos humanos e individuais, as usinas nucleares, a possibilidade da guerra atômica, os acordos multilaterais de investimentos, o terrorismo enquanto política de Estado. Para os trabalhadores da América Latina, Ásia e África são ainda as condições objetivas de existência material. Continentes foram dizimados para servir como matérias-primas e trabalho humano ao império, principalmente europeu. A África é um dos exemplos mais dramáticos da destruição colonizadora, exploradora, explotadora e assassina.

Para identificar concretamente tais reações podemos examinar o esforço do Acordo Internacional dos Trabalhadores e o Manifesto Ecosocialista da Europa, entre outros documentos que denunciam as relações imperialistas entre nações e seu caráter altamente destrutivo. Podemos examinar as resistências mundiais ao imperialismo¹. Podemos também examinar o padrão

¹ As reações em todos os quadrantes da Terra estão cada vez mais intensas. Vão desde os pannels na Argentina, a revolta do “busu” na Bahia, a resistência dos Chiapas no México, e as grandes manifestações toda vez que a cúpula econômica dos países desenvolvidos se reúne para analisar e avaliar seus lucros e definir suas estratégias e táticas para manter a hegemonia do capital mundializado. Ver a respeito: SEOANE, J. TADDEI, E. Resistências mundiais. Rio de Janeiro, Vozes, 2001.

de dominação que atravessa as relações internacionais. A discussão deve ser situada, ainda, no interior dos movimentos sociais de caráter confrontacional que buscam superar visões românticas, míticas e avançar na compreensão e na ação frente a realidade complexa e contraditória. Os movimentos de resistência desafiam empresas capitalistas e governos belicosos, comprometidos com a economia de mercado, especulativa e parasitária. Lutando contra os pilares centrais que sustentam a economia capitalista, como o são a propriedade privada dos meios de produção, as apropriações privadas do que é de domínio público, a concentração dos bens e rendas, encontramos movimentos de resistência que sofrem por sua vez um forte ataque para se converterem em ONGs – Organizações Não Governamentais – de caráter assistencialista, dispostas a substituir a função do Estado. O problema crucial é a autofagia do sistema capitalista, o esgotamento, a exaustão. Essa autofagia tem uma caracterização histórica muito bem definida por Florestan Fernandes (1998) em seu texto “Padrões de dominação externa na América Latina”. Do sistema básico de colonização e dominação, ao sistema escravocrata, ao processo de emancipação nacional, as atuais formas neocoloniais estabelecidas pelos tratados multilaterais de investimento, pelos acordos comerciais, como a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) e a OMC (Organização Mundial do Comércio), continua prevalecendo a dominação e os padrões de imperialismo destrutivo. Iniquidades, que vão da invasão militar à dominação cultural, são constantes no planeta na era da mundialização do capital.

Traremos um dado concreto do que significa a mediação entre as necessidades do capital de recompor sua hegemonia, manter suas taxas de lucro e as medidas adotadas no mundo do trabalho da capoeiragem. A destruição da cultura, dentro da qual destacamos a capoeira, pode ser identificada, empiricamente, na ação do Sistema CONFEF/CREF – Conselho Nacional de Educação Física e Conselhos Regionais de Educação Física. Hajime Nasaki (2004), em sua tese de doutoramento, aborda a Educação Física a partir da crise do capital, apresentando elementos acerca do re-ordenamento do trabalho do professor de educação física, da regulamentação da profissão e da disputa de projetos históricos. A Regulamentação da profissão veio para “regular a terra de ninguém”. Isto significou que o ensino de todas as práticas corporais, entre as quais a capoeira, passou a ser exclusividade de quem tem a carteira do CONFEF. Ou seja, o desenvolvimento de um relevante bem

social, a capoeira, passa a ser propriedade privada da educação física. HAJIME (2004) destaca, em seu estudo, a produção do conhecimento da área, seus limites e suas possibilidades explicativas como ponto de partida da discussão epistemológica. Aqui são estabelecidas as críticas aos principais autores brasileiros e são identificados os pontos de apoio para avançar na elaboração teórica. O limite está na base explicativa. A produção está baseada em perspectivas idealistas que desconsideram aspectos históricos da base de produção da vida que, em última instância – mas não única instância –, determinam a própria produção teórica da área. Com base na análise do mundo do trabalho são apresentados elementos mediadores entre o movimento mais geral do capital e a especificidade do trabalho na educação física e, particularmente, a questão da regulamentação da profissão, exigência do mercado do trabalho e, portanto, do capital e sua estratégia de re-ordenamento para manutenção da hegemonia. São apresentados dados concretos sobre o Conselho Federal de Educação Física, resgatando-se elementos históricos desde as primeiras intenções presentes nas Associações de Professores até a legalização dos Conselhos pela aprovação da Lei 9696/98, que encontrou sua base de sustentação na Lei 9.649/98 – principalmente em seu artigo 58, que transforma conselhos profissionais em entidades privadas –, proveniente da Reforma Administrativa (em 1998) aprovada durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. HAJIME (id.) nos apresenta dados sobre a ingerência de tais conselhos juntos aos trabalhadores de educação física, aos trabalhadores de outras áreas, tanto na formação quanto na qualificação. São apresentados dados sobre as entidades que resistem, razões da resistência, suas ações e concepções, estratégias de luta frente à estrutura avançada do capitalismo, também expressa no ordenamento jurídico do CONFEF, destacando-se, nesse enfrentamento, as organizações coletivas dos trabalhadores. A ação inibidora do Sistema CREF/CONFEF está contribuindo para atacar a cultura e destruí-la, tornando a ação de construção da cultura um monopólio exclusivo de professores de educação física. Isto diz respeito à reserva de mercado. Com isto destrói-se culturas, trabalho, trabalhador.

Neste contexto de acentuada destruição – passos largos à barbárie –, discute-se a capoeira. Nossos estudos apontam que a capoeira não é “um fim” em si. Basta analisarmos as obras abaixo relacionadas, nos valendo da Matriz Paradigmática desenvolvida por Silvio Sánchez Gamboa (1987), que nos

permite reconstituir a lógica interna de um trabalho científico. Ao contextualizarmos tais trabalhos e compreendermos os interesses econômicos, sociais, ideológicos e políticos que os determinaram, podemos compreender melhor para que serve a capoeira. A análise do conhecimento produzido permite também reconhecer quais os fundamentos que sustentam as práticas, ou seja, qual a teoria pedagógica que sustenta a prática da capoeiragem, uma vez que, em nossas relações sociais, tudo tem que ser aprendido, tudo tem que ser ensinado, em dadas relações de produção. O conhecimento – seja ele de que ordem for e, principalmente, o conhecimento científico –, no modo de produção capitalista, adquire força ideológica, política e produtiva independente da vontade, ou grau de consciência de seus produtores. O conhecimento entra em relações de produção. Vamos nos perguntar, portanto, qual é a força ideológica, política e produtiva das obras produzidas sobre capoeira. Para exemplificar, mencionamos abaixo algumas obras de referência que estão sendo utilizadas principalmente nas universidades e escolas do Brasil:

ABIB; Pedro J. **Cultura Popular e o Jogo dos Saberes na Roda**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais aplicadas à Educação. Unicamp, 2004.

ABREU, Frederico José de. **“Bimba é bamba”**: a capoeira no ringue. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999. 99p.

ACCURSO, Anselmo da Silva. **Capoeira: um instrumento de educação popular**. 151 p. Texto mimeo.

ALMEIDA, Raimundo César Alves de (Itapoan). **Bibliografia crítica da capoeira**. Brasília: DEFER, CIDOCA, 1993. 178 p.

_____. Mestre “Atenilo”: **O “relâmpago” da capoeira regional**. Salvador, 1991. 78 p.

_____. **A saga do Mestre Bimba**. Salvador, Ba: Ginga Associação de Capoeira, 1994. 201 p.

AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 113p.

BARBIERI, César et al. **A capoeira nos JEBs**. Brasília, DF: programa nacional de capoeira, Centro de Informação e Documentação sobre a capoeira, 1995. 1000 p.

_____. **Um jeito brasileiro de aprender a ser**. Brasília, DF: DEFER, Centro de Informação e Documentação sobre a capoeira (CIDOCA/DF), 1993.

BOLA SETE, Mestre. **A capoeira Angola na Bahia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1997. 197p.

BRUHNS, Heloísa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do**

corpo brasileiro. Campinas, SP: Papirus, 2000. 158 p.

CAMPOS, Helio. **Capoeira na Escola**. Salvador: Pressecolar, 1990.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira os fundamentos da malícia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

COUTO, Adyolvã A. (Mestre Zoião). **Arte da Capoeira: história e filosofia**. Salvador: Gráfica Sta. Helena, 1999. 98 p.

DECANIO, Ângelo. **A herança de Pastinha: a metafísica da Capoeira**. Salvador: Produção Independente, 1996.

_____. **A herança de Mestre Bimba: lógicas e Filosofia Africanas da capoeira**. Salvador: Produção independente, 1996.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **A escolarização da Capoeira**. Brasília, DF: ASEFE/Royal Court, 1996.

_____. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. Tese (Doutorado em Educação). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004.

MOURA, Jair. **Capoeiragem – arte e malandragem**. Caderno de cultura, Salvador, n. 2, 1980.

MOURA, Jair. **Capoeira – a luta regional**. Caderno de Cultura, Salvador, n.1, 1979.

OLIVEIRA, Valdemar de. **Frevo capoeira e passo**. 2 ed. Recife: Cia Ed de Pernambuco, 1985, 143 p.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.

REIS, Letícia Vidor de Souza. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

SANTANA, Mestre. **Iniciação à capoeira**. São Paulo: Ground 1985. 117 p.

VIERA, Luiz Renato. **O jogo de Capoeira Cultura**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

Essas obras trazem em si nexos e determinações. Trazem em si opções teórico-metodológicas, teorias explicativas, entre as quais a teoria do conhecimento. Elas podem ser analisadas e a sua lógica reconstruída. Quando submetidas à análise científica podemos reconstruir a lógica de tais obras, mas para tanto é necessário nos valermos de métodos de análises.

No Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física & Esporte e Lazer (LEPEL/FACED/UFBA) estamos nos valendo da contribuição de GAMBOA (1987-2004) para esta mediação. Deixamos de apresentar, no presente texto, o resultado da análise, e evidenciamos somente o caminho, porque este

trabalho está inconcluso e porque aqui e agora nosso enfoque prioritário é discutir os nexos entre o complexo econômico, a prática e o projeto histórico². Ressaltamos, no entanto, que os nexos de uma produção e suas determinações podem ser apreendidos na produção do conhecimento, nos processos de formação dos capoeiras e nas políticas públicas. Mas para isto se faz mister a utilização do pensamento científico, o que implica a utilização do método, em nosso caso, do materialismo histórico dialético, porque possibilita recompor lógicas e conhecer determinações históricas.

O grande desafio colocado no mundo da capoeiragem é a superação do mundo da pseudoconcreticidade. Isto significa compreendermos de que maneira é possível efetuar sua destruição e compreendermos a relação fenômeno-essência e como se manifesta a “coisa em si”. É necessária, portanto, uma teoria do conhecimento que permita aos capoeiras uma abordagem ampla da realidade, a qual somente é possível através de uma teoria crítica do conhecimento. O mundo da pseudoconcreticidade diz respeito a como a realidade se apresenta aos homens à primeira vista. O real se manifesta enquanto campo em que se exercita a atividade prático-sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática da realidade, o que se constitui como a práxis utilitária imediata, que é historicamente determinada e unilateral e é a práxis fragmentária dos indivíduos, baseada na divisão do trabalho, na divisão da sociedade em classes e na hierarquia de posições sociais que sobre ela se ergue, a qual coloca o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a compreensão das coisas e da realidade. Segundo Karel Kosik (1976) o mundo da pseudoconcreticidade se apresenta como o “complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural”. A ele pertencem:

- o mundo dos fenômenos externos, que se desenvolvem à superfície dos processos realmente essenciais;
- o mundo do tráfico e da manipulação, isto é, da práxis fetichizada

² Elementos sobre como estão sendo desenvolvidos os estudos a respeito da produção do conhecimento a partir da LEPEL/FACED/UFBA podem ser localizados no livro organizado por TAFFAREL, CHAVES E GAMBOA (2003), intitulado “Prática pedagógica e produção do conhecimento na educação física & esporte e lazer”.

dos homens (a qual não coincide com a práxis crítica revolucionária da humanidade);

- o mundo das representações comuns, que são projeções dos fenômenos externos na consciência dos homens, produto da práxis fetichizada, formas ideológicas de seu movimento;

- o mundo dos objetos fixados, que dão a impressão de serem contradições naturais e não imediatamente reconhecíveis como resultados da atividade social dos homens.

O fenômeno capoeiragem é aquilo que se manifesta imediatamente, primeiro e com maior frequência. Partindo dessa consideração devemos nos perguntar por que a “coisa em si”, a estrutura da coisa, não se manifesta imediata e diretamente? Por que é necessário um percurso para compreendê-la? Por que a “coisa em si” se oculta, foge à percepção imediata? Ao fazer estes questionamentos, nos esforçamos para fazer um percurso na descoberta da verdade. Buscar a compreensão da essência historicamente construída da capoeiragem é uma atitude científica da qual depende a nossa emancipação enquanto classe social. Portanto, temos que questionar com radicalidade estes falsos problemas colocados em relação ao conhecimento científico e ao conhecimento popular. Trata-se muito mais de acessar o método do pensamento para compreender o real. O que acontece no mundo da pseudoconcreticidade é que “os fenômenos e as formas fenomênicas das coisas se reproduzem espontaneamente no pensamento comum como realidade, pois é produto natural da *práxis* cotidiana. O pensamento comum é a forma ideológica do agir humano de todos os dias”. A representação da coisa não constitui uma qualidade natural da coisa e da realidade: é a projeção, na consciência do sujeito, de determinadas condições históricas *petrificadas*.

É com este modo de operar com a realidade que muitas das vezes procedemos no mundo da capoeiragem. Agimos a partir de representações do real. Vale destacar estes elementos da teoria do conhecimento porque eles nos permitem entender a distinção entre *práxis* utilitária cotidiana e *práxis* revolucionária, considerado o modo pelo qual o pensamento capta a coisa em si, o que somente pode ser feito a partir da dialética – “o pensamento crítico que se propõe a compreender a ‘coisa em si’ e sistematicamente se pergunta como é possível chegar a compreensão da realidade; que destrói a pseudoconcreticidade para atingir a concreticidade, assim realizando o processo no curso do

qual sob o mundo da aparência se desvenda o mundo real”. Para que o mundo possa ser explicado “criticamente”, cumpre que a explicação mesma se coloque no terreno da “práxis” revolucionária. Portanto, a realidade pode ser mudada de modo revolucionário só porque e só na medida em que nós mesmos produzimos a realidade, na medida em que saibamos que a realidade é produzida por nós. O mundo real, oculto pela pseudoconcreticidade, é o mundo da *práxis* humana. É a compreensão da realidade humano-social como unidade de produção e produto, de sujeito e objeto, de gênese e estrutura que permitirá a práxis revolucionária. É um mundo em que as coisas, as relações e os significados são considerados como produtos do homem social, e o próprio homem se revela como sujeito real do mundo social.

A destruição da pseudoconcreticidade se efetua a partir: 1) da crítica revolucionária da práxis da humanidade; 2) do pensamento dialético, que dissolve o mundo fetichizado da aparência para atingir a realidade e a “coisa em si”; 3) das realizações da verdade e criação da realidade humana em um processo ontogenético, visto que para cada indivíduo humano o mundo da verdade é, ao mesmo tempo, uma sua criação própria, espiritual, como indivíduo social-histórico. A pseudoconcreticidade se apresenta como uma construção histórica do sistema capitalista que investe na constituição do mundo fetichizado e na conseqüente destruição do homem histórico. Faz-se necessária, portanto, a apropriação de uma teoria crítica que nos permita discernir a práxis utilitária cotidiana da práxis revolucionária. Vamos nos perguntar: é esta teoria crítica que perpassa o trabalho pedagógico nos processos de ensino e pesquisa da capoeira? Responder a essa pergunta é uma tarefa que assumimos coletivamente no Grupo LEPEL/FACED/UFBA, para reconstruir a lógica da produção do conhecimento e do ensino na capoeira. Enfim, o que está sendo construído na capoeira no Brasil quando observamos a sua prática, a formação de professores e mestres, a produção do conhecimento e as orientações da política pública cultural, considerando o complexo econômico capitalístico – o capital especulativo, parasitário, o empresarial, estatal e a economia popular solidária ou não?

A capoeira não é algo mágico, mítico, místico, que paira sobre nossas cabeças. É concreto, situado, em construção e está historicamente determinada. Os capoeiristas ao construírem a capoeiragem não o fazem segundo suas próprias cabeças, mas segundo condições objetivas determinadas ao longo da

história e do que é próprio das relações de produção humana em dado momento histórico. A capoeira é um dos fenômenos sócio-culturais da alta relevância no Brasil e constitutivo do processo civilizatório. Está situado dentro da divisão social internacional do trabalho e, portanto, neste momento histórico, como em outras etapas – pré-capitalistas (comunais, feudais, escravocratas, coloniais) e capitalistas (revolução burguesa, reformas e imperialismo) sofre também o processo de degeneração, decomposição e destruição. Isto é visível quando observamos o empresariamento da capoeira, internacionalmente, no sistema de franquias. A mercadorização da capoeira vista nos empórios e centros turísticos, a espetacularização da capoeira vista na mídia e nos fantasiosos espetáculos, na esportivização da capoeira, na construção de confederações, federações com finalidades competitivas, necessidade imperiosa do capital. Portanto, é preciso reconhecer e situar a discussão sobre a capoeira a partir da etapa da recolonização e do imperialismo senil.

A economia especulativa investe onde obtém lucros e se retira no momento em que se vê ameaçada, do dia para noite, deixando nações alquebradas. O México, a Argentina e o próprio Brasil são exemplos desta vulnerabilidade. Com este capital é impossível garantir políticas sociais, garantir direitos, garantir vida digna e acesso à cultura. A economia empresarial capitalista está baseada na reestruturação produtiva que tem como estratégias a competitividade, a produtividade, a qualidade total, a lucratividade, a flexibilização, a terceirização. É extremamente centralizadora e gera uma repercussão social destrutiva catastrófica, visível na crise de desemprego estrutural, na destruição do mundo do trabalho. A isto corresponde um modelo na capoeira. Mestre Falcão percorreu o mundo, principalmente o europeu, e localizou esta expressão no empresariamento da capoeira e suas conseqüências e na contraditória luta para manutenção dos valores genuínos da capoeira. A economia capitalista estatal, por sua vez, é baseada em duas estratégias, uma de cunho lucrativo, imbricada com a economia capitalista monopolista, que visa lucros. Hoje há setores altamente lucrativos que se beneficiam com os mecanismos de privatização, com os mecanismos de parceria público privado (PPP), com a destruição das empresas estatais de mineração, telefonia, eletricidade, petróleo, e outra que deveria ser de cunho “não lucrativo”, com caráter público, de direito do cidadão, como a educação, lazer, saúde, previdência, assistência, seguridade social e segurança pública. Os governos implementadores das políticas

de ajustes estruturais vêm, sistematicamente, se desobrigando e forçando a privatização destes setores, que passam a constituir setores lucrativos ao capital. A isto corresponde um modelo de capoeira adaptada à terceirização, à flexibilização. Podemos localizar aí a capoeira como apêndice em muitas escolas, terceirizada, com o exercício profissional flexibilizado, sem garantias e direitos. A economia popular, por sua vez, se caracteriza por três estratégias que objetivam: a) sobrevivência humana; b) subsistência humana; c) estratégia de vida anti-capitalista. A isto corresponde uma expressão da capoeira. Muitos são os capoeiras que mantêm suas famílias com a prática da capoeira. Muitos são os capoeiras inseridos em movimentos anti-capitalistas que mobilizam forças históricas de resistência para encontrar alternativas, não só para si, mas para o coletivo. Para a economia empresarial capitalista, a capoeira, juntamente com outras expressões da cultura corporal, é o “negócio do século” porque mobiliza paixões, emoções, frustrações, consumos diversificados ao infinito, enfim, grandes negócios. Isto pode ser perfeitamente detectado principalmente onde a capoeira já é esporte e onde ocorrem operações de compra e venda de capoeiristas e atletas de alto rendimento, até nas empresas de marketing, propaganda e imprensa que vendem sonhos e desejos irrealizáveis. Para a economia estatal, representa, também, uma mobilização de negócios, uma forma de revitalizar a economia com a geração de empregos mesmo que precarizados, e circulação de mercadorias, sejam elas supérfluas ou não. Representa também investir em setores de interesse do grande capital, como, por exemplo, a construção de mega-eventos ou para exposições das mega-estrelas, em detrimento da generalização de espaços urbanos e no campo adequados para as práticas corporais comunitárias. Representa também, quando no lastro de competições esportivas, uma forma de controle ideológico, via educação, com as campanhas de busca de talentos esportivos, com as campanhas de aceitação passiva da condição de não praticante ativo, na linha de que “quem não joga, assiste”.

Para a economia popular, representa meio de sobrevivência que vai desde o negócio do fundo do quintal, agora ilegal, quando não associado ao sistema CREF/CONFED, à venda de “bugigangas”, até a venda em massa dos subprodutos da empresa capitalista ligada à cultura corporal (drogas, bebida, cigarro, vestuário), aos negócios das empresas de comunicação e informação e da cultura de massa, das empresas do supérfluo, de fantasias, de ilusões.

Significa, também, meio de subsistência com os pequenos negócios forjados em torno dos grandes espetáculos, o comércio ambulante de alimentação etc. A capoeira é, como os demais produtos culturais, produzida numa lógica onde o mercado orienta tanto a produção, quanto a distribuição, a circulação e o consumo. Os agentes da economia popular, em uma dinâmica cuja organicidade está na circulação de mercadorias materiais (vestuário, instrumentos musicais, bebidas, camisetas, bonés etc) e imateriais (aulas, apostas, rodas), interagem com os setores altamente lucrativos da economia, os grandes empresários, alimentando o círculo dos negócios que, em última instância, se expressam nos negócios especulativos, alienados do que significa esta estrutura social. Para avançarmos na compreensão da capoeira temos que entender que a economia popular vai além de cooperativas e grupos de produção.

Este complexo de organizações econômicas populares pode, por um lado, interagir de forma completamente dependente e subalterna à economia especulativa, à economia empresarial capitalista, à economia empresarial do Estado lucrativa – principalmente em parceria entre o público e o privado – ou, então, significar iniciativas cujos processos de trabalho trazem em si os germes de uma nova cultura do trabalho, a partir dos quais pode se tornar visível a elaboração de um projeto de desenvolvimento tendo em vista interesses dos setores populares, ou seja, a economia popular solidária. O rumo que deve ter este processo depende, em muito, do papel estratégico das organizações dos trabalhadores identificadas com a superação do capitalismo e com a construção de um Projeto Histórico estratégico alternativo, ou seja, a sociedade socialista. O grande capital empresarial buscará intensamente manter tal movimento da economia popular sob a órbita de sua influência desumana, para integrá-la. O sentido de solidariedade nesse complexo econômico popular pode assumir a característica meramente assistencialista, filantrópica, compensatória, ou, então, pela ação concreta e pela organização dos setores populares, representar a consciência de classe agindo para superar o que a explora. Pelo exposto, podemos reconhecer que se coloca aos setores engajados com a superação do capitalismo e aos setores populares em geral que buscam a sobrevivência, a subsistência ou uma opção de vida anti-capitalista, uma tarefa essencial que tem três dimensões, concomitantes, simultâneas e interligadas, a saber:

- a) a educação ideológica, de classe, a educação popular;

b) a conscientização política que se dá na ação concreta, na luta, na defesa de reivindicações;

c) a organização revolucionária, auto-determinada, auto-organizada.

O mundo da capoeiragem, querendo ou não, sabendo ou não, estando consciente disto ou não, enfrentará estes desafios históricos, na perspectiva de encará-los ou então negligenciá-los.

Encontramos muitas abordagens sobre capoeira que desconsideram a base econômica e política em suas análises. Essas abordagens não radicalizam a reflexão e a ação para a construção de outra cultura, considerando a trágica experiência histórica e o esgotamento do processo civilizatório capitalístico, alimentando a perspectiva da humanização do capitalismo, via ética, ciência, educação, regulação/normatização/monitoramento, sem especificação das bases objetivas, materiais e imateriais da educação e da ética. Esses estudos ocultam, com isto, uma catástrofe que se avizinha, pois silenciam quanto ao holocausto a que estão submetidos 2/3 da humanidade, contingente que sobrevive ou subsiste com base na economia popular e, mais ainda, manipula o imaginário popular, em relação a capoeira, por exemplo, com a idéia das relações neutras e exclusivamente positivas entre capoeira e saúde, capoeira e qualidade de vida, capoeira e educação, capoeira e regulação social. A capoeira de alto(s) rendimento(s), a capoeira espetáculo, a capoeira turismo, têm por base a economia capitalística e só sobreviverá com base nela e, como ela, expressa suas avassaladoras conseqüências. A capoeira com esta base econômica, provavelmente também é nociva ao meio-ambiente e à classe trabalhadora, porque não assegura o processo revolucionário.

Impõe-se frente ao descrito a reflexão sobre a existência de projetos históricos claros. Esta exigência não é de hoje. Já na década de 1980, Luiz Carlos de Freitas (1987) reclamava da necessidade da explicitação do projeto histórico claro para orientar a ciência pedagógica e nesta ciência a teoria pedagógica. Ao recuperar o que caracteriza o projeto histórico hegemônico, descrevemos o tipo de sociedade existente a partir do modo de produção e troca de mercadorias, em que prevalece a propriedade privada dos meios de produção, acentuando-se a contradição entre a produção social e a apropriação privada do que é socialmente produzido, sustentando a sociedade dividida em classes sociais.

Um projeto histórico socialista enuncia o tipo de sociedade ou organização social na qual se pretende transformar a atual organização social e os meios que devemos colocar em prática para a sua consecução. Implica em uma “cosmo-visão”, segundo FREITAS (1987), mas é mais que isto. “É concreto, está amarrado às condições existentes e, a partir delas, postula fins e meios. Diferentes análises das condições presentes, diferentes fins e meios geram projetos históricos diversos”. Tais projetos fornecem bases para a organização de partidos políticos e demais organizações que chamam para si a responsabilidade de lutar contra a forma capitalista de organizar os meios de produzir e reproduzir a vida na sociedade. O que nos cabe perguntar é se a capoeiragem está se responsabilizando em organizar suas práticas sócio-educativas com base em um projeto societário alternativo ao capitalismo? Frente ao descrito anteriormente sobre o modelo do capital organizar a vida, coloca-se a necessidade imperiosa da unificação dos produtores associados, auto-determinados, na construção de uma outra base de organização da vida e de princípios da vida. István Meszáros (2000) reconhece como princípios de funcionamento da alternativa socialista o seguinte:

1. a regulação, pelos produtores associados, do processo de trabalho, orientada para a qualidade em lugar da superposição política ou econômica de meta de produção e consumo predeterminadas e mecanicamente quantificadas;
2. a instituição da contabilidade socialista e do legítimo planejamento de baixo para cima, em vez de pseudo planos fictícios impostos à sociedade de cima para baixo, condenados a permanecer irrealizáveis por causa do caráter insuperavelmente conflitante deste tipo de sistema;
3. a mediação dos membros da sociedade por meio da troca planejada de atividades, em vez da direção e distribuição política arbitrárias tanto da força de trabalho, como de bens no sistema do capital pós-capitalista do tipo soviético ou da fetichista troca de mercadorias do capitalismo;
4. a motivação de cada produtor por intermédio de um sistema auto-determinado de incentivos morais e materiais, em vez de sua regulação pela cruel imposição de normas *stakhanovistas* ou pela tirania do mercado;
5. tornar significativa e realmente possível a responsabilidade voluntariamente assumida pelos membros da sociedade por meio do exercício dos seus poderes de tomada de decisão, em vez da irresponsabilida-

de institucionalizada que marca e vicia todas as variedades do sistema do capital.

O desafio é construir, fazer avançar uma capoeira solidária, com base em uma economia popular solidária, que garanta a vida digna de todos. É construir a ética da liberdade e responsabilidade para o reino da felicidade. Muitos estudos já permitem identificar indícios desta construção mais geral de uma cultura solidária, como, por exemplo, as contribuições de Francisco Gutierrez (1993); José L. Corragio (1995); Luis Razeto (1993); Paul Singer (1996).

O que elaboramos, a partir de uma leitura crítica da realidade em movimento nos permite sustentar que a economia popular solidária, que rompe com relações capitalísticas pode ser uma possibilidade histórica de assentar princípios éticos e educacionais, para construção de uma outra cultura, em que os valores tradicionais, tão decantados da capoeira, e o pacto social e ecológico sejam preservados. No entanto, é preciso reconhecer a tarefa essencial que se coloca aos setores engajados com a superação do capitalismo, aos setores populares, em geral, que buscam a sobrevivência, a subsistência ou uma opção de vida anti-capitalista.

O tempo está se esgotando. O próximo período, nos alerta MÉSZÁROS (2000), deverá ser o século do “socialismo ou da barbárie”. A agravante é que nunca, como agora, uma nação imperialista reúne as condições para impor a destruição da vida no planeta, onde só sobreviverão as baratas que suportam níveis letais de radiação nuclear. Trata-se, portanto, de enfrentar o imperativo de fazer as escolhas certas com relação à ordem social adotada, de forma a salvar a própria existência da humanidade. Muitos dos problemas que teremos que enfrentar, desde o desemprego estrutural crônico até os graves conflitos econômicos, políticos e militares internacionais e a destruição das forças produtivas exigirá ações combinadas em futuro muito próximo. Somente uma alternativa radical, portanto, um projeto histórico alternativo ao modelo capitalista poderá oferecer uma saída da crise estrutural do capital. Esta tarefa que cabe a todos, inclusive aos capoeiristas, aos intelectuais orgânicos, construtores da cultura, exige a ação e a interação pedagógica sistemática, concomitante e simultânea de três dimensões, a saber: educação ideológica, de classe, a educação popular; a conscientização política que se da na ação concreta, na luta, na defesa de reivindicações; a organização revolucionária, com auto-determinação e auto-organização.

Isto é possível na capoeiragem, ou na práxis capoeirana? Gaudêncio Frigotto (1995), ao discutir educação e formação humana em seu livro “Educação e a crise do capitalismo real”, deixa explícito que a única teoria capaz de pensar adequadamente o capitalismo é o marxismo por ter como objeto o capital e esta forma de relação social – forma capital – ainda não foi superada. Portanto, temos que enfrentar o desafio. A luta pela construção do socialismo não pode se fixar em condições ideais futuras. O embate que se trava é no presente, “na jaula onde os tigres cuidam de suas crias”. É aí onde devemos meter a mão, na jaula do capitalismo, em seu cerne, na propriedade privada dos bens. E para alargar a repartição dos bens temos que nos basear nas reivindicações e ir para o embate. Isto exige cada vez mais sujeitos coletivos com densidade analítica e organizativo-política para o enfrentamento. A pergunta é: estamos fazendo isto na capoeira? Estamos construindo aqui e agora nossa capacidade analítica coletiva consistente? Estamos construindo nossa capacidade organizativo-política para dar densidade ao embate? Ainda observo os navios-negreiros atravessando o oceano, ainda observo, agora, os aviões e navios escravocratas atravessando os oceanos, com mulheres, crianças, jovens, trabalhadores e trabalhadoras escravizados pelo capital e não percebo o choro revolucionário de todos os berimbau.

O sonho de SARAMAGO (1995), que não se sonha só, “de uma sociedade mais humana, pautada pelos valores da solidariedade, dialogando com imagens da utopia socialista contra o individualismo contemporâneo, contra um mundo de cegos” e o sonho de Kurosawa, expresso na obra “Dersu Uzala” – uma fábula moderna sobre um homem bom, que vive em comunhão com a natureza e transmite aos outros as lições desse equilíbrio, filme que trata da postura do indivíduo em relação à vida, sobretudo do ponto de vista ético –, são indicadores no mundo da arte de que não somos os únicos a pensar o que foi decretado pelo pensamento único como impensável, a saber, a construção do socialismo.

Cabe-nos investigar agora que proposições afloram no âmbito das práticas corporais, especificamente da capoeira, em relações sociais baseadas na economia popular solidária? O que se anuncia, o que se inventa, o que se reinventa, no âmbito da capoeira em relações econômicas populares solidárias? Cabe-nos radicalizar a crítica sobre a teoria do conhecimento e a teoria pedagógica presentes nos diferentes âmbitos da capoeiragem – enquanto

prática, produção do conhecimento, formação profissional, política pública? Cabe-nos agora agir, com clareza do projeto histórico que queremos construir, nos âmbito da educação, da política, da organização revolucionária.

Sobreviverão os “valores genuínos da capoeira” defendidos por capoeiristas, educadores, cientistas e instituições ligadas a capoeiragem, ou práxis capoeirana? Sim, com certeza, se a humanidade sobreviver... e puder responder ao desafio de enfrentar as contradições da vida contemporânea construindo relações humanas para além das estabelecidas e consolidadas pelo modo do capital organizar a vida, construindo o projeto histórico socialista.



Referências - A essência...

- ABIB, P. J. "Capoeira: Intervenção e conhecimento no espaço escolar" – **Revista brasileira de Ciências do Esporte**, vol.21 n° 1 (ISSN 0101.3289), Florianópolis, 1999.
- _____. "Capoeira e os diversos aprendizados no espaço escolar" – **Revista Motrivivência – Movimentos Sociais: Educação Física, Esporte e Lazer**, ano XI, n° 14 (ISSN 0103-4111) Florianópolis: Editora da UFSC, 2000.
- _____. "Roda de Capoeira Angola e a força do canto dos poetas" – **Revista Sociedade e Cultura**, v.5, n.1 (ISSN 1415-8566), Goiânia: Editora da UFG, 2002.
- _____. **Cultura Popular e o Jogo dos Saberes na Roda**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais aplicadas à Educação. Campinas: Unicamp, 2004
- ABREU, F. J. de. "**Bimba é bamba**": a capoeira no ringue. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.
- ACCURSO, A. da S. **Capoeira: um instrumento de educação popular**. (mimeo).
- ALMEIDA, R. C. A. de (Itapoan). **Bibliografia crítica da capoeira**. Brasília: DEFER, CIDOCA, 1993.
- _____. Mestre "Atenilo": **O "relâmpago" da capoeira regional**. Salvador, 1991.
- _____. **A saga do Mestre Bimba**. Salvador, Ba: Ginga Associação de Capoeira, 1994.
- ALVATER, E. **O preço da riqueza**. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.
- AREIAS, A. das. **O que é capoeira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BARBIERI, C et al. **A capoeira nos JEBs**. Brasília, DF: Programa Nacional de Capoeira, Centro de Informação e Documentação sobre a capoeira, 1995.
- _____. **Um jeito brasileiro de aprender a ser**. Brasília, DF: DEFER, Centro de Informação e Documentação sobre a capoeira (CIDOCA/DF), 1993.
- BOLA SETE, Mestre. **A capoeira Angola na Bahia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.
- BRUHNS, H. T. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papirus, 2000.
- CAMPOS, H. **Capoeira na Escola**. Salvador: Pressecolor, 1990.
- CAPOEIRA, N. **Capoeira os fundamentos da malícia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CHAUÌ, M. Ética e Violência. **Revista Teoria e Debate**, n° 39, out/nov, 1998.
- _____. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. **História do povo brasileiro. Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

- COUTO, A. A. (Mestre Zoião). **Arte da Capoeira: história e filosofia**. Salvador: Gráfica Sta. Helena, 1999.
- CORRAGIO, J.L. **Desenvolvimento humano, economia popular e educação**. Buenos Aires: Rey Argentina/Instituto de Estudios y Acción Social/Aique, 1995
- DECANIO, Â. **A herança de Pastinha: a metafísica da Capoeira**. Salvador: Produção Independente, 1996.
- _____. **A herança de Mestre Bimba: lógicas e Filosofia Africanas da capoeira**. Salvador: Produção Independente, 1996.
- ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Moraes, S/D.
- _____. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 4ª Ed. São Paulo: Global, 1990.
- FALCÃO, J. L. C. **A escolarização da Capoeira**. Brasília, DF: ASEFE/Royal Court, 1996.
- _____. **O Jogo da capoeira em Jogo e a construção da práxis capoeirana**. Tese (Doutorado em Educação). Salvador: Faculdade de Educação, UFBA, 2004.
- FERNANDES, F. Padrões de dominação externa na América Latina. In: BARSOTTI; Paulo e PERICÁS; Luiz Bernardo. **América Latina: História, idéias e revolução**. São Paulo: Xamã, 1998.
- _____. **Marx , Engels: História**. São Paulo: Ática, 1989.
- FORREST. V. **O horror econômico**. São Paulo: UNESP, 1997.
- FREITAS, L. C. Projeto Histórico, Ciência pedagógica e "didática". In: **Educação e Sociedade**. Ano IX Número 27, Set/1987. São Paulo: Cortez, 1987.
- FRIGOTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. **Educação e crise do trabalho: Perspectiva do final de século**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- _____. **A educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1995.
- GAMBOA, S. S. **Epistemologia da pesquisa em educação: estruturas lógicas e tendências metodológicas**. Tese (Doutorado em Educação). Campinas, UNICAMP, 1987.
- GADOTTI, M., GUTIÉRREZ, F. (Orgs.) **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 1993, p. 34-58 (Questões da Nossa Época, 25).
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- GUTIÉRREZ, F. Educação comunitária e desenvolvimento sócio-político. **Educação comunitária e Economia popular**. São Paulo: Cortez Editora, 1993, p. 23-33.
- JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2ª ed., São Paulo: Editora Ática, 1997.

- KOSIK, K **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KUROSAWA, A. **Dersu Uzala**. 1976.(filme)
- KURZ, R. **O Colapso da Modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LENIN. **Imperialismo fase superior do capitalismo**. São Paulo: Global, 1987.
- MOURA, J. **Capoeiragem – arte e malandragem**. Caderno de cultura, Salvador, n. 2, 1980.
- _____. **Capoeira - a luta regional**. Caderno de Cultura, Salvador, n.1, 1979.
- MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo, Campinas: Boitempo, UNICAMP, 2002.
- _____. **O Século XXI: Socialismo ou Barbárie**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- NOZAKY, H. **Educação Física e reordenamento no mundo do trabalho: mediações da regulamentação da profissão**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, 2004.
- OLIVEIRA, V. de. **Frevo, capoeira e passo**. 2 ed. Recife: Cia Ed de Pernambuco, 1985.
- RAZETO, L. Economia de solidariedade e organização popular. In: GADOTTI, M., GUTIÉRREZ, F. (Orgs.) **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 1993, p. 34-58 (Questões da Nossa Época, 25).
- REGO, W. **Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.
- REIS, L. V. de S. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.
- SANTANA, Mestre. **Iniciação à capoeira**. São Paulo: Ground, 1985.
- SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SEOANE, J. TADDEI, E. **Resistências mundiais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- SINGER, P. Desemprego: uma solução não capitalista. Revista Teoria e Debate, n° 32, jul/ago/set, 1996.
- TAFFAREL.C., CHAVES, M. e GAMBOA, S. **Prática Pedagógica e produção do conhecimento na educação física & esporte e lazer**. Alagoas: UFAL, 2003.
- TIRIBA, L.V. Economia popular e produção de uma nova cultura de trabalho: Contradições e desafios frente à crise do trabalho assalariado. In: FRIGOTTO, G. (org.). **Educação e crise no trabalho: perspectivas de final de século**.-Petrópolis: Vozes, 1998.
- TIRIBA, L. **Economia popular e cultural do trabalho: pedagogia(s) da produção associada**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001.
- VIERA, L. R. **O jogo de Capoeira Cultura**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.



Autores

Ana Márcia Silva, natural de Florianópolis/SC; licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina; Especialista em Educação e Reeducação Psicomotora pela UDESC; Mestre em Educação pela UFSC; Doutora em Ciências Humanas pela UFSC. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Física da UFSC, autora de vários artigos e livros, entre eles *Corpo, Ciência e Mercado*, pela Autores Associados-Editora da UFSC (2001).

Carmen Lúcia Soares, professora Doutora da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP; integrante do Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e da Societé Internationale d'Histoire de l'Éducation Physique et du Sport . É Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-SP e Doutora em Educação pela UNICAMP. Publicou os livros *Educação Física: Raízes Européias e Brasil*, 1994 1ª ed e 2001 2ª ed.; 3ª ed. 2004; *Imagens da Educação no Corpo*, 1998 1ª ed e 2002 2ª ed.; *Corpo e História* (org.), 2001, 2ª ed. 2003, todos pela Editora Autores Associados e organizou o caderno CEDES nº 48 *Corpo e Educação*, 1999.

Celi Nelza Zulke Taffarel, natural de Santa Rosa/RS; licenciada em Educação Física e Técnico em Desportos/UFPE; professora Doutora em Educação/UNICAMP e Pós-Doutorado em Oldenburg e Vechta/Alemanha. Titular da Facul-

dade de Educação da UFBA; pesquisadora do CNPq, ex-dirigente do CBCE 1987-1990 e do ANDES-SN 2002-2004, colaboradora do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Denise Bernuzzi de Sant'anna, é doutora pela Universidade de Paris VII, e livre-docente pela PUC-SP. Professora de História da PUC-SP desde 1996 e pesquisadora do CNPq com uma pesquisa sobre a história da alimentação. Publicou "O prazer justificado, história e lazer" (ed. Marco Zero, 1994), "Políticas do Corpo" (Estação Liberdade, 1995) e "Corpos de passagem": ensaios sobre a subjetividade contemporânea (Estação Liberdade, 2001) além de inúmeros artigos sobre as relações entre corpo e cultura.

Iara Regina Damiani, natural de Florianópolis/SC; licenciada em Educação Física; Mestre em Educação Física/UFSC; Doutoranda em História/CFH-UFSC; professora aposentada CDS /UFSC; membro do Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física-NEPEF/UFSC. Tem publicações em eventos científicos da área, principalmente, nas linhas de pesquisa da Educação Física escolar e Formação Profissional.

Lino Castellani Filho atualmente exerce o cargo de Secretário pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer do Ministério do Esporte; Doutor docente da Faculdade de Educação Física da Unicamp.



Impresso por Floriprint Indústria Gráfica.

Inverno, 2005.